

UM OLHAR

UMA PUBLICAÇÃO DO CONSELHO NACIONAL DO LAICATO DO BRASIL

41ª Assembleia Geral Ordinária
do Conselho Nacional do Laicato do Brasil



**CRISTÃOS LEIGOS E LEIGAS,
"NÃO DEIXEMOS MORRER A PROFECIA"**

"Ele me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres"
Lc, 4,18

UM OLHAR

UMA PUBLICAÇÃO DO CONSELHO NACIONAL DO LAICATO DO BRASIL

“Um olhar” é uma publicação do
CONSELHO NACIONAL DO LAICATO DO BRASIL (C N L B)

Os textos aqui publicados correspondem à reflexão feita por seus autores e autoras,
dentro das expectativas e objetivos deste número.





CONSELHO NACIONAL DO LAICATO DO BRASIL Organismo do Povo de Deus da Igreja no Brasil Brasil, 2024.

Presidência 2022-2025

Sônia Gomes de Oliveira - Presidente
Vanda Maria de Carvalho Lima - Vice-Presidente

Márcio José de Oliveira - Secretário-Geral
Patrícia Gil Cabral - Secretária Adjunta
Adriano Massariol Pacheco - Tesoureiro
Rejane Teixeira Gaia - Tesoureiro Adjunto

Organização: Comissão de Assessoria Permanente

Antonio Geraldo de Aguiar, Elenise Mesquita, Honorata Mendes, Laudelino Augusto, Marcia Signorelli, Marilza Schuina, Wanda Conti

Conselho Nacional do Laicato do Brasil - CNLB/ Um Olhar. Brasília, 2024

Fotos: direito publicado de mídias sociais e do CNLB

Edições 2024

ISSN 2526-6624

Responsável: Conselho Nacional do Laicato do Brasil

SGAN 905 – conjunto C – Asa Norte – 700790-050 – Brasília – DF

Email: secretaria@cnlb.org.br



SUMÁRIO

CLIQUE E ACESSE
O CONTEÚDO 

06 INTRODUÇÃO

09 UMA VISÃO SOBRE A CONJUNTURA (SOCIAL E ECLESIAL), OS “PÉS NO CHÃO”, ONDE VIEMOS, ONDE PISAMOS.

Marco André Cantanhede

17 FAZER MEMÓRIA, FORTALECER A CAMINHADA! Edi Pradier, Elenise Mesquita, Honorata Mendes

25 PROFECIA NA HISTÓRIA DO POVO DE DEUS. João Décio Passos

29 O QUE É SER PROFETA NO HOJE DE NOSSAS VIDAS.

Silvana Suaiden

36 COMO O CNLB-ORGANISMO TEM VIVIDO, EM SUA CAMINHADA, A PROFECIA?. Laudelino Augusto dos Santos Azevedo

42 COMO VIVER A PROFECIA NUMA IGREJA SINODAL.

Maria Rosa Morala

46 ANEXOS

Nosso Objetivo 2022-2025

EVANGELIZAR pelo anúncio da Palavra de Deus, para que os cristãos leigos e leigas, em suas diferentes expressões e carismas, se reconheçam como sujeitos eclesiais, discípulos missionários de Jesus Cristo, fiéis à evangélica opção pelos pobres nas periferias geográficas e existenciais, no caminho de uma Igreja sinodal e no cuidado com a Casa Comum, a serviço do Reino de Deus.

APRESENTAÇÃO

Em tempos de Francisco, de uma Igreja Sinodal, em saída e, em tempos do cinquentenário do Conselho Nacional do Laicato do Brasil, apresentamos a revista UM OLHAR, edição nº 17. Já é o décimo terceiro ano de publicação. Neste número, trazemos a relação completa de todas as edições anteriores da revista, para que se possa fazer memória e acompanhar essa bonita trajetória.

A revista tem propiciado ao laicato uma leitura do pensamento e da reflexão de diversos autores e autoras, especialmente cristãos leigos e leigas. A cada número podemos acompanhar o olhar de cristãos leigos e leigas comprometidos com a missão do Espírito conferida à Igreja. Um olhar que complementa os demais olhares.

Estamos no processo preparatório para o Jubileu do CNLB – 50 anos de uma trajetória construída por homens e mulheres que dedicam suas vidas a serviço do Reino, pois somos todos e todas possuidores da mesma comum dignidade que emana do nosso batismo: profetas, sacerdotes e reis; profetisas, sacerdotisas e rainhas.

O caminho do jubileu tem como objetivos:

- Assumir, valorizar, cuidar e defender a identidade do CNLB, alinhada à eclesiologia do Concílio Vaticano II.
- Ecoar o testemunho das mulheres e homens que construíram e constroem o CNLB como Organismo de comunhão do Povo de Deus da Igreja no Brasil.
- Fortalecer o sentimento de pertença dos cristãos leigos e leigas ao CNLB, reconhecendo-o como seu espaço legítimo de organização e atuação como sujeito eclesial e social.
- Contribuir para que o laicato a partir do Magistério da Igreja, desenvolva sua consciência crítica e seu compromisso com a vida.
- Colocar-se em saída, rumo às periferias geográficas e existenciais, ocupando a vanguarda na defesa da vida do povo, e sendo força – como maior parcela do Povo de Deus, do compromisso de uma Igreja sinodal.

Um dos instrumentos que ajudará a cumprir esses objetivos é a revista, com artigos que contribuem para o processo formativo de conscientização da vocação laical. Agradecemos aos autores e autoras que têm contribuído com o seu tempo, conhecimento e experiência para que o laicato “não deixe morrer a profecia”.

A presidência

INTRODUÇÃO

Já iniciamos a caminhada rumo ao cinquentenário do Conselho Nacional do Laicato do Brasil, que tem como objetivo “Celebrar com júbilo e gratidão a memória e o compromisso do CNLB na caminhada de seus 50 anos, reafirmando profeticamente nossa presença na Igreja e na sociedade em busca da Civilização do Amor”.

Uma das ações é a retomada da publicação da revista “UM OLHAR”, com uma sequência reflexiva, tendo como fio condutor os eixos “Profecia, Testemunho e Memória”.

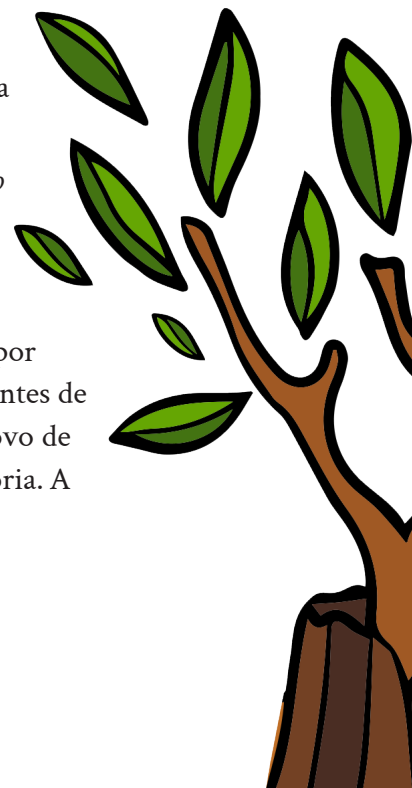
A revista foi concebida e gestada em 2010, e apresenta textos de autores e autoras conforme os temas, as expectativas e objetivos de cada número. Nesta edição você encontra um anexo com a relação dos temas e números das edições anteriores da revista “UM OLHAR”.

Este número tem como referencial o eixo PROFECIA do tema do jubileu do Organismo – “CNLB 50 anos: Profecia, Testemunho e Memória a serviço do Reino”.

Tomando como referência o VER-JULGAR-AGIR, iniciamos a reflexão com uma visão sobre a conjuntura, a realidade social e eclesial, olhando para o chão onde vivemos e pisamos. *Marco Cantanhede* apresenta seu olhar conjuntural partindo “de uma visão sobre os cenários e as forças que estão atuando internacionalmente, e que influenciam direta e indiretamente no Brasil, produzindo algumas situações alinhadas no contexto internacional, e outras nem tanto, em que as especificidades da cultura e história brasileiras criam situações específicas e exclusivas. Nesse contexto, a questão da religião é analisada sobre a perspectiva brasileira e internacional, buscando compreender a conjuntura e o espaço ocupado pelas religiões na transformação da realidade social. Por fim, dentro do processo de conclusão, a análise de conjuntura aponta para onde se colocar o olhar futuro”.

Nesta realidade, fazemos a retrospectiva da 41ª Assembleia Geral Ordinária/AGO, um relato emocionante e envolvente de três participantes da Assembleia: *Edi Pradier, Elenise Mesquita e Honorata Mendes*, que falam sobre os “sinais proféticos na 41ª Assembleia Geral Ordinária” – “Fazer memória, fortalecer a caminhada”! O anexo II desta revista é justamente a Carta aos Cristãos Leigos e Leigas do Brasil, mensagem final da AGO/2023, com seu tema “Cristãos Leigos e Leigas: não deixemos morrer a profecia” e o lema “Trabalhamos e lutamos porque depositamos nossa esperança no Deus vivo” (I Tm 4, 10).

No JULGAR, um olhar bíblico-teológico e pastoral iluminando a realidade. *João Décio Passos* propicia um olhar à “Profecia na história do povo de Deus” a partir da práxis de Jesus de Nazaré. “Seguir o profeta de Nazaré é ser profeta como ele e realizar nele, por ele e com ele o seu messianismo, tanto em sua época como na história presente. Portanto, o tema da profecia não significa tão somente uma ideia que costuma ser repetida por certos grupos eclesiais, seja no sentido místico, seja no sentido teológico-político, mas, antes de tudo, uma dimensão constitutiva da vida cristã. Ser cristão é ser profético. (...) Todo o povo de Deus é profético e profecia é sempre um jeito de viver e de interpretar a si mesmo e a história. A



Igreja nasceu profética e leva ao mundo a Boa notícia de que o Reino de Deus chegou e, desde então, a história humana é julgada por este parâmetro que exige renovação permanente”.

“O que é ser profeta no hoje de nossas vidas” é como *Silvana Suaiden* conversa com o leitor/a: “O laicato no Brasil e no mundo traz consigo uma consciência sempre revisitada de urgência histórica que nos impele a atualizar em nosso tempo a dimensão profética de nossa fé e missão. Este breve artigo sugere apenas uma reflexão sobre nossa missão profética e espiritualidade para uma prática transformadora na história”.

Como o AGIR exige posturas, atitudes e ações concretas, *Laudelino Augusto* leva o leitor/a, a um encontro com a história da atuação profética do CNLB. A pergunta que move a narrativa é “*Como o CNLB-Organismo tem vivido, em sua caminhada, a profecia?*”. Recorda que a profecia é parte integrante da missão de toda a Igreja e os cristãos leigos e leigas possuem, pelo Batismo, o mesmo múnus sacerdotal, profético e régio de Cristo, exercendo a sua parte na missão de todo o povo cristão na Igreja e no mundo (cf. LG, n. 31).

Vivendo o Batismo, os cristãos leigos e leigas dão testemunho do Evangelho na vida pessoal, familiar, profissional e política e aí são chamados e enviados a exercer o profetismo, individualmente e coletivamente, de forma associada, como Organismo. Por esta razão, pergunta sobre como o Organismo tem atuado profeticamente ao longo de seus 50 anos. Nesse sentido, destaca-se o anexo I, um documento histórico, “representativo do momento de reflexão e ação vivido pelos integrantes do CNL, o documento que apresentou o tema ‘leigos’ na 23ª Assembleia Geral da CNBB (Itaici, 1985).

Sinodalidade, “caminho que Deus espera da Igreja”. Assim, *Maria Rosa Morala* convida ao agir para a sinodalidade, – “Como viver a profecia numa Igreja sinodal” e lembra que “uma das inquietações repetidas pelo Papa Francisco, vendo a realidade do mundo, é a proximidade e o compromisso com os pobres e marginalizados. São os destinatários do Reino, os preferidos de Deus”. Igreja sinodal, Igreja dos pobres. Eis pois o foco do agir dos cristãos leigos e leigas: por uma Igreja povo de Deus, sinodal, dos pobres, para os pobres, com os pobres.

Para a leitura de todos e todas, ao final de cada artigo, temos um “**Para refletir**” com questões que podem ser refletidas individualmente ou em grupos, pelo Conselho em âmbitos diocesanos e regionais e por suas organizações filiadas. O “**Para aprofundar**” são as referências bibliográficas e sugestão de leituras complementares para aprofundamento dos temas.

Esperançados e esperançadas a partir da realidade e enxergando nela sinais de luzes e esperanças, tomamos consciência de que “o caminho se faz ao caminhar”! Somos convidados e convidadas a caminhar juntas e juntos estabelecendo processos em vista da construção de uma sociedade com as marcas da PROFECIA. “Não deixemos morrer a profecia”.

Que o Espírito Santo, a Ruah Divina, nos inspire neste caminhar juntos e juntas, como sacerdotes, profetas e reis, sacerdotisas, profetisas e rainhas, para servir, anunciar e denunciar e cuidar do outro, da outra e da Casa Comum.

Comissão de Assessoria Permanente





UMA VISÃO SOBRE A CONJUNTURA (SOCIAL E ECLESIAL), OS “PÉS NO CHÃO”, ONDE VIEMOS, ONDE PISAMOS.

Marco André Cantanhede*

A análise de conjuntura é uma visão sobre a realidade a partir do olhar particular de quem se propõe a realizá-la. O ideal é que uma análise de conjuntura não seja considerada como a verdade, ou como a compreensão completa sobre a realidade, mas sim como a tentativa de aprender alguns elementos, ou melhor, compreender as forças e as estruturas da realidade atual que influenciam o modo de vida em sociedade.

Alguns grupos sociais e religiosos buscam transformar a realidade atual de desigualdade e de falta de oportunidades, e essa busca passa por tentar compreender as relações, as forças, e a estrutura que moldam e conservam o ambiente social. Para os Cristãos Leigos e Leigas, que atuam no dia a dia nos campos da Formação, da Fé e Política e na articulação do Laicato, é fundamental compreen-

der a Conjuntura para que possam elaborar planos de ação, e executá-los, a fim de contribuir de maneira efetiva e real para a construção do Reino aqui e agora.

Nesse sentido, a análise de conjuntura partirá de uma visão sobre os cenários e as forças que estão atuando internacionalmente, e que influenciam direta e indiretamente o Brasil, produzindo algumas situações alinhadas no contexto internacional, e outras nem tanto, em que as especificidades da cultura e história brasileiras criam situações específicas e exclusivas. Nesse contexto, a questão da religião é analisada sobre a perspectiva brasileira e internacional, buscando compreender a conjuntura e o espaço ocupado pelas religiões na transformação da realidade social. Por fim, dentro do processo de conclusão, a análise de conjuntura aponta para onde se colocar o olhar futuro.

Questão Internacional

A pandemia do Covid-19 é um ponto de inflexão importante para todos os países. Antes da pandemia, o mundo já vivia um desgaste da democracia capitalista como modelo de organização política e gestão da economia, pois já se via uma ascensão dos partidos de extrema direita em várias partes do mundo com um discurso anti-imigração e de anti-colaboração entre Nações, com um aumento do liberalismo econômico e das relações unilaterais, em detrimento da construção de soluções em conjunto. Os problemas inerentes da economia capitalista como desemprego, baixa renda, e acumulação extrema de renda na mão de poucas pessoas, foram utilizados por lideranças de extrema direita como ferramenta para a luta interna e ideológica pelo poder.

As redes sociais foram utilizadas para potencializar, de maneira

global, o descontentamento com as instituições democráticas. A extrema direita, em vários países, foram os primeiros a descobrir, investir e profissionalizar o potencial das redes sociais para desconstruir alguns dos pilares da democracia capitalista, utilizando todo o potencial de comunicação dessas redes para desacreditar as soluções democráticas, criando um canal de comunicação direto entre líderes populistas de extrema direita com a população. Esses líderes populistas, através de uma comunicação simples e direta, comunicam soluções simplórias para problemas complexos da sociedade, construindo um discurso de que existe um tipo de conspiração global para que o cidadão não saiba realmente o que está acontecendo, ou melhor, que esse líder de extrema direita tem a solução para todos os problemas da democracia capitalista, como o desemprego, a corrupção, a falta de acesso à educação e crises econômicas e etc. Geralmente a solução é aplicar a “cartilha” tradicional

de extrema direita: menos Estado, liberalismo extremo da economia, sem assistência social, acumulação de riqueza para poucos, a culpabilização individual da pessoa pobre, e a culpabilização coletiva das minorias (imigrantes, homossexuais, movimentos sociais e organizações de esquerda).

A construção de mentiras e a sua transmissão de maneira profissional pelas redes sociais com objetivo ideológico e político, também conhecido como “fake news”, tem demonstrado uma eficácia impressionante, pois se utiliza de elementos da realidade para a construção de uma mentira. Por exemplo, um grupo social X faz um estudo sobre descriminalização da maconha e envia esse estudo para o partido Y. O partido Y debate o estudo e faz as suas recomendações, mas não avança para além dessas recomendações. Nesse momento, está criada a oportunidade para que o criador de “fake news” possa atuar. O criador de “fake news” pega as re-

comendações do partido Y e elabora um conteúdo para as redes sociais distorcendo o contexto e informando vários grupos populacionais que o partido Y enviou para a aprovação do Presidente da República a liberação da maconha e ela ocorrerá na próxima terça-feira. Essa ação profissional cria um engajamento nas redes sociais contra essa aprovação, que na verdade não existe, mas que por alguns dias gera muita comunicação para os interessados em manter um grupo social e político ativo. No final, o criador profissional da “fake news” atinge o seu objetivo de gerar movimentação em sua rede social, cria uma visão de que ele, ou o seu partido, é contra essa liberação, e ainda, como consequência, afeta a imagem do partido Y. A “fake news” profissional tem sido uma ferramenta fundamental no mundo atual e ainda não existe “antídoto” contra ela, ainda não existe nenhum mecanismo eficaz para controlar ou desfazer uma “fake news”.



A construção de mentiras e a sua transmissão de maneira profissional pelas redes sociais com objetivo ideológico e político, também conhecido como “fake news”, tem demonstrado uma eficácia impressionante, pois se utiliza de elementos da realidade para a construção de uma mentira.

O pós-pandemia, nosso momento atual, traz um contexto social difícil de compreender e prever. O mundo unilateral apresenta claramente o uso da força como solução para divergências ideológicas e históricas, a guerra entre Rússia e Ucrânia, e a invasão de Gaza pelo exército de Israel são alguns dos exemplos do uso da força. A força militar volta a ser o grande recurso de proteção e ofensiva. O diálogo e as instituições multilaterais, como a Organização das Nações Unidas (ONU), perdem força e capacidade de influência nos conflitos. Cada Nação evoca a sua autonomia de ação e decisão, nesse contexto, vivemos o individualismo em seu extremo. Um exemplo emblemático é a guerra entre Israel e o Hamas. Após o atentado do Hamas que assassinou centenas de pessoas em Israel, o Estado de Israel conduz a invasão de Gaza como deseja, não importando o número de mortos, de crianças e mulheres mortas, ou os apelos das comunidades internacionais, ou mesmo as dezenas de resoluções da ONU. O Estado de Israel conclama o seu direito de vingança e ação. Não existe mais nenhuma instituição coletiva que possa causar efeito prático e real ao se manifestar. O uso da força e da violência parece ser o único recurso existente.

O bem-estar social que no início do século era um objetivo para quase todas as nações, agora se tor-

na o grande vilão, e é construída a ideia de que não é possível avançar para uma sociedade mais igualitária, e que deve existir uma disputa entre os humanos pelo trabalho, pela comida, pela terra, pela moradia e pela renda. O uso da tecnologia afim de construir discursos e ideias sobre a realidade tem conseguido criar grandes blocos populacionais em volta de uma ideia, uma ideologia, ou mesmo, em torno de um líder. Por exemplo, nos Estados Unidos, o ex-presidente Donald Trump tem uma grande chance de ganhar a eleição em 2024, mesmo com um conjunto de denúncias e algumas condenações, pois essas condenações não geram mais preocupação ou desgaste político. O bloco político alinhado com o Donald Trump continuará alinhado independente do que ocorra, pois, a comunicação profissional via rede social cria o argumento necessário para justificar o comportamento social e político de qualquer político. Existe hoje um fenômeno de “congelamento” do apoio político em relação à pessoa do líder político, diminuindo a possibilidade de migração de voto e engajamento entre propostas políticas, fazendo com que, apesar de uma disputa agressiva entre candidatos e polos políticos, é possível observar pouca mudança de posição de grande parte de pessoas.

O cenário atual político, social, tecnológico e econômico in-

ternacional coloca sobre risco a construção democrática capitalista, é a democracia representativa que está em risco, contudo, o que causa maior espanto e preocupação, é que em muitas Nações a solução apresentada não tem sido a construção de mais democracia, ou mais participação popular, mas pelo contrário, a busca e a fixação por indivíduos que tentam concentrar em si a capacidade e o poder para mudar as coisas. O mundo já viu isso acontecer muitas vezes, nenhum indivíduo deve concentrar o poder e a resposta para os desafios de uma Nação, ou do conjunto de Nações. A solução é coletiva, as complexidades e desafios devem ser analisados e transformados pela coletividade.

A unilateralidade internacional também impacta as questões de cuidado com o nosso planeta e de sustentabilidade, pois o planeta terra é uma comunidade de pessoas agrupadas por nações, nesse sentido, o aquecimento global, ou qualquer outro tema relacionado ao clima, só pode ser solucionado através de uma cooperação global. As lideranças das nações se encontram para discutir o clima, mas não chegam em um acordo, pois as questões econômicas e políticas locais encontram sempre mais importância do que as necessidades globais. O individualismo global tende a nos levar para o desastre global.

Questão Nacional

O Brasil, por sua importância geográfica e política, participa diretamente das questões internacionais. É possível perceber claramente no Brasil o desgaste da democracia capitalista, uma insatisfação geral com a classe política, e líderes populistas de extrema direita com comunicação e engajamento via redes sociais. O Brasil é um microcosmo da realidade internacional sobre a influência e impacto do seu contexto social e histórico.

A gestão da pandemia foi um desastre social no Brasil. Um governo populista de extrema direita com baixíssima empatia social, sem olhar pelo mais pobre, e com amadorismo na gestão do Estado brasileiro, fez com que o Brasil hesitasse no combate e proteção contra o vírus, demorasse para proteger socialmente as pessoas mais vulneráveis e não criasse quase nenhuma proteção e auxílio para as micro e pequenas empresas. Essa condução desastrosa fez com que o Brasil atingisse níveis alto de desemprego, aumentasse a evasão escolar no ensino médio, reduzisse o número de ingresso nas universidades e principalmente aumentasse bastante o número da população pobre e abaixo do nível de pobreza. Voltou-se a ver pessoas desnutridas, fazendo apenas uma refeição por dia e um aumento da população de rua em todas as grandes cidades do Brasil.

Crianças voltaram a pedir nos semáforos, cena essa, que tinha praticamente desaparecido do contexto brasileiro na primeira década do século XXI.

Com isso, apesar de um sucesso no uso profissional das redes sociais para a construção de uma forte narrativa individualista, de meritocracia e conservadora, e do uso indiscriminado do dinheiro do Estado brasileiro no ano eleitoral, esse grupo político não venceu as eleições presidenciais, mas venceu a eleição da composição do Congresso brasileiro. A conjuntura de ter um Poder Executivo progressista e um Congresso conversador não é novidade no Brasil, e em nenhum lugar do mundo. Contudo, a dinâmica da atuação política desses poderes políticos (Executivo, Legislativo e Judiciário), e os seus blocos, não são os mesmos do passado.

Quem lidera o Congresso Nacional não é mais alguns partidos tradicionais, conservadores e liberais de direita que estavam buscando espaço no Executivo para que, com isso, pudessem obter uma fatia do orçamento aumentando o seu poder político e influência, e que, por conta disso, estavam dispostos a fazer alianças políticas, mesmo que frágeis e com compromisso de curto prazo. Diferentemente, o Congresso hoje é liderado por um bloco chamado pela mídia de “Centrão”, composto em sua maioria por homens conservado-

res de direita entrelaçados em pautas bem específicas como armas, agronegócio, igrejas evangélicas, kit gays e outras excentricidades. O ponto principal é que esse bloco na década passada era inexpressivo e compunha com o Executivo em pautas importantes ou em demandas políticas individuais. Hoje esse grupo tem grande poder, e é liderado pelo presidente da Câmara através de um orçamento cada vez maior sobre responsabilidade do Congresso, as ações do Congresso são baseadas em interesses ideológicos e com baixa relação com a realidade social brasileira.

O governo Lula foi eleito em 2023, mas tem baixa capacidade de fazer reforma social, econômica e política no Estado brasileiro. Esse terceiro mandato, apesar de trazer a retomada de programas sociais e políticas econômicas importantes, transforma a presidência da república em um tipo de “sindicato de prédio”, que foi eleito, mas não pode fazer nada que não seja aprovado pela “assembleia”, tendo assim que manter quase todas as premissas dos últimos governos de extrema direita no Brasil. Peguemos o exemplo da reforma trabalhista ocorrido no Governo Temer, essa é claramente uma reforma que precariza o trabalhador, mas que, apesar de ter o Partido do Trabalhadores governando o Poder Executivo, não existe a menor possibilidade de se discutir a revogação dessa reforma.



A conjuntura política brasileira fica mais complexa com a constatação clara da tentativa de um golpe militar no Brasil entre o final de 2022 e início de 2023. Existiu um evidente planejamento para que a extrema direita utilizasse a força militar para ficar no poder. As investigações estão mostrando claramente que o governo anterior se articulou fortemente para dar um golpe militar, mas que por incompetência e por compromisso com o Brasil de parte das forças armadas, não teve sucesso. Contudo, o mais importante, é

destacar o fenômeno construído através das redes sociais de engajamento político por parte relevante da população brasileira, através de construções profissionais de “fake News”, uma rede de ativistas dormiram em frente dos quartéis, fizeram vários atos políticos e foram convocados pela extrema direita, para tomar o poder.

Após 60 anos do Golpe Militar, o Brasil está ainda sobre a sombra da tentativa de implantação de um regime totalitário. O Brasil não pode cair na armadilha

que caiu na transição do regime militar para a democracia, em que foi condescendente com os crimes da ditadura, os indivíduos que tentaram dar recentemente um golpe no país devem ser exemplarmente punidos, pois a extrema direita, caso seja necessário, para continuar garantindo os ganhos financeiros e o poder, tentarão golpear o Estado brasileiro novamente.

Esse mecanismo de alienação e engajamento político através das redes sociais estão muito ativos e em andamento todos os dias. Talvez esse seja um dos maiores desa-

fios da política brasileira, e mundial, de como fazer política em um ambiente completamente contaminado por mentiras, que chegam diretamente para cada indivíduo e é capaz de atingir milhões de pessoas.

Com isso, a conjuntura brasileira é de um governo progressista com baixa possibilidade de fazer progresso social, econômico e político. A situação é preocupante, pois as forças progressistas, apesar de ter uma base social interessante, representa apenas um quarto do total da população brasileira, e está sem criatividade e capilaridade na grande massa populacional, massa essa que talvez possa ser chamada de classe média baixa e empobrecidos do Brasil. Os conversadores no Brasil estão conseguindo ser organizados e barulhentos, com pautas conservadoras de costume e liberais na economia para o País, com pautas políticas simples e claras para a população como: antidroga, “anti-gênero”, encarceramento, “anti-aborto” e outras.

Questão Religiosa

A conjuntura religiosa brasileira passa por uma mudança rápida de perfil que talvez não esteja sendo capitada pelas medições oficiais, como o IBGE ou mesmo alguns institutos de pesquisa independentes, mas é possível notar claramente um grande crescimento do cristianismo evangélico,

principalmente nas regiões mais periféricas e de vulnerabilidade social. A igreja pequena, perto de casa, de liderança local pelos pastores, a flexibilidade no culto, o regramento baseado na bíblia e a construção de uma identidade têm atraído muitas pessoas para os cultos e escolas bíblicas evangélicas.

Esse crescimento demonstra que a fé e a religião continuam sendo relevantes no Brasil, está clara a necessidade de analisar qual fé essa, pois aparentemente é uma fé sem compromisso social, e que é influenciada pelo individualismo global, nesse sentido, o fiel está preocupado com a sua salvação e a sua prosperidade. Contudo, é importante reforçar que com certeza existe uma busca pela religião. Existe espaço para atuação da Igreja Católica e Laicato.

Nesse contexto, o Catolicismo parece perder força e relevância para transformação social. O catolicismo continua sendo seguido pela maioria da população brasileira, mas o tipo de espiritualidade que mais cresce dentro do catolicismo é o da linha com menos engajamento social, e mais para a tradição e o conservadorismo. Pode ser notado alguns exemplos desse enfraquecimento com o boicote de alguns padres e bispos sobre campanha da fraternidade, sobre irrelevância das opiniões das lideranças Católicas para Congresso Nacional ou para Poder Executivo.

A CNBB pode se posicionar sobre qualquer tema, mas não conseguirá influenciar a política brasileira como fazia na década passada. Dentro da Igreja também é possível notar um certo desalinhamento no discurso ou baixo poder da hierarquia Católica, como por exemplo, nos casos em que padres populares que possuem canais em redes sociais como o YouTube, que falam o que querem sem qualquer restrição. Alguns padres famosos parecem ter mais impacto e poder no contexto social e política brasileiro, do que a fala oficial da Igreja Católica no Brasil.

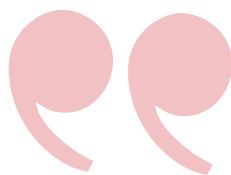
Os evangélicos no Brasil têm se transformado em uma grande força social e política, pois muitas das questões brasileiras são tratadas nas redes sociais e nos cultos. Muitos pastores pautam os textos do evangelho em alinhamento com a política do governo X ou do governo Y, combinando isso com as ações profissionais de “fake news” nas redes sociais e uma certa demonização dos pensamentos progressistas ou de esquerda. Os pastores estão concorrendo a cargos públicos em todas as instancias (municipais, estaduais e federais), e pouco a pouco, constituindo uma força conservadora importante e decisiva no País.

No contexto político da religião, os governos de extrema direita no Brasil utilizam intencionalmente a questão religiosa para

justificar as ações, identificar o inimigo político e tentar transformar uma disputa política em um tipo de “guerra santa interna”, como se existisse um grupo que é de fé em Deus e está atuando em mandato de Deus, e outro grupo querendo destruir as coisas de Deus e a família brasileira. Isso tudo fica muito complexo e potencializado com o uso profissional das redes sociais, o uso dos cultos religiosos para falar de política e a candidatura em massa de líderes religiosos, principalmente pastores, para cargos no Executivo e no Legislativo.

O Papa Francisco se aproxima de idade avançada, e apesar de várias iniciativas importantes, ajustes no Vaticano e proximidade dos fiéis, o tempo desse papado parece não ser o suficiente para transformar a Igreja Católica. A Igreja Católica no Brasil busca avançar, mas parece ter medo de abraçar plenamente o discurso em prol do projeto do Reino de Deus aqui e agora, em que todos tenham vida e a tenham plenamente, trazendo com isso, a luz para os problemas sociais, políticos e econômicos nacionais. A liderança oficial da Igreja parece estar sempre preocupada com o que dirá e suas consequências, atitude essa, pouco alinhada com o profetismo e missão requeridos e proclamados.

A Instituição Católica não está fora desse contexto internacional e nacional, e com isso, a extrema direita também cresce dentro dela,



O catolicismo continua sendo seguido pela maioria da população brasileira, mas o tipo de espiritualidade que mais cresce dentro do catolicismo é o da linha com menos engajamento social, e mais para a tradição e o conservadorismo.

e com esse crescimento, também evolui alguns pensamentos individualistas. O Cristão Leigo e Leiga tem nas mãos a possibilidade de encarnar a Igreja na realidade, para que a Igreja não tenha medo de se “contaminar” com essa realidade e partir dela construir um novo mundo.

Conclusão

O momento pós pandemia não pode ainda ser completamente compreendido, mas com certeza é

possível observar que trouxe uma aceleração do individualismo, o uso da força como principal recurso de poder, a alimentação do ódio pelo diferente, e a cristalização da polarização entre dois grandes grupos opositores.

É importante notar que a conjuntura atual, ao comparada com 3 a 4 anos atrás, é menos perseguidora para os grupos progressistas e para os movimentos sociais, mas está longe de ser algo favorável para avanços importantes. As pequenas cidades, os Estados e várias Instituições são influenciados pelo discurso da extrema direita de degradação da Democracia e do mundo moderno. As democracias capitalistas não conseguiram entregar o bem-estar social para a grande maioria da população, a extrema direita utiliza esse problema, desvirtuando a sua causa com o discurso de que é necessário ir mais para a direita. Nesse sentido, os grupos progressistas se contentam em lutar e manter a democracia capitalista atual, pois mesmo com seus graves defeitos, ainda é a melhor alternativa para o povo do que as soluções de regimes autoritários e governos de extrema direita. Praticamente não se vê mais alternativas progressistas para se avançar para além da democracia capitalista.

A cultura do individualismo extremo, que é o oposto da proposta cristã, perpassa todas as dimensões da vida e da organiza-

ção humana. É possível notar esse individualismo no Governo das grandes nações, nas decisões globais, nas decisões das prefeituras, no dia a dia das famílias e dentro das Igrejas. Esse deveria ser o primeiro lugar de atenção e ação de qualquer agrupamento humano que deseja transformar a realidade. Deveria transformar o pensamento, a cultura, os espaços e as instituições para uma coletividade integral e total humana.

O momento é de resistência e para pequenos avanços onde for possível, pois não se fala no mundo, e no Brasil, de grandes transformações do sistema político, social e econômico vigente. Não existe países, ou grupos sociais relevantes, tentando construir outras maneiras de vida na terra.

A missão de construir novos horizontes de esperança e alternativas está nas mãos das pessoas de boa vontade, que através da intimidade com a mensagem de Jesus de Nazaré, constante formação e compromisso com as lutas populares possam propor novos caminhos de Igreja, de vida, de política, de sociedade e de economia.

* **Cristão Leigo, membro do CNLB Campinas e do CNLB Sul 1. Licenciado em Filosofia pela UCP Portugal e Mestre em Tecnologia pela Unicamp**

Para refletir:

Como a realidade conjuntural do país e a realidade eclesial impactam a atuação do laicato na Igreja e na Sociedade?

Para aprofundar:

Como se faz análise de conjuntura / Betinho, Herbert José de Souza. 34 ed. - Editora Vozes, 2014.

Bolsonaro: o mito e o sintoma / Rubens R. R. Casará - Editora Contracorrente, 2020 - (Leitura importante para compreender a versão brasileira de extra direita autoritária)

A classe média no espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade / Jessé Souza - Estação Brasil, 2018 - (Leitura importante para sair do pensamento comum sobre a classe média brasileira, mas o mais importante é treinar o nosso pensamento para análises mais complexas)

Podcast de Política da Revista Piauí - Episódio todas as sextas - Fórum de Teresina - <https://piaui.folha.uol.com.br/radio-piaui/foro-de-teresina/>

Revista Piauí - <https://piaui.folha.uol.com.br/> (Revista que faz jornalismo de primeira, aprofundando nos fatos e contradições, e trazendo revelações fundamentais sobre o dia a dia).



FAZER MEMÓRIA, FORTALECER A CAMINHADA!

Sinais proféticos na 41ª Assembleia Geral Ordinária do
Laicato do Brasil - Igarauçu/Recife/PE – junho/2023

Edi Pradier, Elenise Mesquita e Honorata Mendes*

“Não apagueis o Espírito, não desprezeis as profecias, mas examinai tudo e guardai o que for bom” (1Ts 5, 21).

Introdução

Cristãos leigos e leigos não deixemos morrer a profecia!” O sussurro do Dom! “Ele me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres”! (Lc 4,18). A Pala-

vra que se fez dom pela graça do Espírito Santo! O Espírito com sua força, seu ardor, sua luz age em todas as pessoas de boa vontade, que se abrem para escutar sua voz e construir em comunhão, a

Unidade dos que acolhem a fé em Cristo. “O servo de Deus fala para edificar. Contudo, não é o profeta, mas o Espírito Santo que, através dele, convence e edifica a comunidade; sem a “força do alto”, aparece

apenas o revestimento humano e fica-se na carne. Somente uma experiência espiritual e arrebatadora, que possa ser vivida e mesmo sentida, é que atrai para Cristo e edifica”, assim nos esclarece Márcio Mendes, estudioso do Dom da Profecia (Mendes, 2008).

Para falar então, de Profecia, lembramos que na Sagrada Escritura, os apóstolos destacam com insistência a profecia, dizendo ser o dom mais útil para a Igreja, porque o Espírito orienta a sua Igreja também pelos profetas, não só pela hierarquia. Nesse aspecto, dizia o Pe. Comblin que *“esta afirmação feita no Vaticano II abre uma etapa absolutamente nova para o futuro da Igreja”* (Comblin, 2008).

Assim fundamentados, vemos que o lema apresentado pela convocatória do CNLB, recorda-nos um dos compromissos de batizados/as: ser profeta, ser profetisa. Jesus, nosso salvador, profetizou: anunciou a Boa Nova e denunciou o que não condizia com a proposta do Novo Reino. Numa visão teológica, somos parte do mistério de amor que é a relação de Deus com sua Igreja, por essa relação toda a Humanidade incorporada a Cristo, pelo Batismo, possui o dom de ser Rei, Profeta e Sacerdote, dimensões da vida cristã que esperam adesão consciente e verdadeira do Povo de Deus chamado a transformar as realidades segundo o Reino anunciado.

A união destas duas mensagens, leva-nos a **Dom Hélder**

Câmara e nos mostra quanto ele aproximou-se do espírito de Jesus Cristo e seus ensinamentos, deixando claro que no centro da ação da Igreja estão os pobres. Os dois “mensageiros” chamados de profetas, embora Jesus Cristo seja o profeta por excelência, porque anunciam a Boa Nova, que se traduz na prática da justiça, na aplicação do bem comum e no olhar atento às necessidades do povo, fizeram renascer a esperança de uma nova vida aos pobres e excluídos.

Este texto, assim introduzido, pretende retomar, através de alguns pontos o que foi esta AGO no contexto geral, e apresentar destaques que se constituíram em sinais proféticos. Partimos do conceito e compreensão de profecia, hoje, clareando um pouco nossa reflexão, depois vamos ao momento forte da profecia, vivida na AGO através da palestra do monge Marcelo Barros, que culminou com o lançamento do livro: **Não deixe cair a profecia – a herança de Dom Hélder Câmara para a humanidade do século XXI** e em seguida a aplicação das ideias de profecia no chão do laicato, os caminhos que aponta como sinais visíveis de que a profecia está viva. Numa visão ligeira percebe-se que os cristãos leigos e leigas engajados e atuantes, em favor do Reino, estão atentos e revelam a profecia com seus desafios no testemunho e na vivência do dia a dia de suas vidas.

No contexto geral

Louvando e agradecendo a Deus os esforços do Conselho Nacional do Laicato do Brasil – CNLB, dedicados para celebrar a caminhada e alimentar os ideais de uma Igreja Povo de Deus, embalados por um canto de alegria e esperança e motivados pelo tema: **“A Profecia do Laicato”**. Reuniu em Igarauçu/PE, com apoio do Regional Nordeste 2, cristãos leigos e leigas, engajados na vida da Igreja e da sociedade, como Igreja, delegados dos 19 Regionais da CNBB e de 15 Organizações filiadas, para vivenciarem a 41ª Assembleia Geral Ordinária, em clima de unidade, oração, comunhão para refletirem, dialogarem sobre **PROFECIA**, eixo inicial do itinerário preparativo da celebração dos 50 anos de presença da organização do laicato na Igreja do Brasil, prosseguindo com o **TESTEMUNHO** em 2024 e **MEMÓRIA** em 2025.

Em 2023 nos despertou para ouvir os gritos dos que sofrem, fortalecendo a sua atuação na promoção dos direitos, acreditando numa construção de dias melhores, fundamentalmente, no resgate e proteção aos excluídos/as e aberto para respeitar os direitos coletivos e difusos, evitando que estes direitos protegidos não sejam utópicos.

Nós cristãos leigos e leigas, somos chamados a caminhar com este povo que sofre, perguntando: por que e para que? E escutando



Nós cristãos leigos e leigas, somos chamados a caminhar com este povo que sofre, perguntando: por que e para que? E escutando as dores do povo, vamos vaticinando o que pode acontecer no futuro.



as dores do povo, vamos vaticinando o que pode acontecer no futuro. Temos muitos problemas humanos, descasos com a saúde, educação, moradia, saneamento básico, natureza, assistências, políticas públicas etc. assuntos estes a todo momento denunciados. O Pai pede para ouvir seu filho – filho amado faça a vontade de Deus, e profetizou, as tragédias não são da vontade de Deus, mas sim descaso dos governos, que não investem nas necessidades básicas, para a população, destacando-se aí as mortes pelo COVID em 2019 e 2020.

A citada Assembleia, acolhida, fraternalmente, pela Arquidiocese de Olinda e Recife, ocorreu de 08 a 11 de junho/2023 tendo como lema: **Cristãos Leigos e Leigas: “Não deixemos morrer a profecia”** e como iluminação bíblica **“Ele me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres” (Lc 4,18)**. Uma forte memória da força e luta de Dom Hélder Câmara que foi ar-

cebispo de Olinda e Recife, no período de 1964 a 1985 com atuação firme em favor dos pobres. Merecida homenagem e reafirmação do seu desejo que se faz apelo ao laicato, para fazer de seu testemunho, de sua vida a verdadeira profecia anunciando e vivenciando os valores de justiça, paz e fraternidade, no meio do mundo.

Houve nesta Assembleia um marco diferente, em virtude de ter sido celebrativa, orante e muito festiva em função do objetivo traçado que anunciava: **“Sensíveis às dores, lutas e esperança do povo, queremos refletir a vocação, a profecia do Laicato do Brasil, reafirmando nosso compromisso na construção de uma sociedade de justiça, fraternidade e paz, marcando o início do itinerário jubilar de 50 anos do CNLB”**. Assim, unida às dores do povo sofrido a 41ª AGO transcorreu em clima de súplica, anúncio, espiritualidade, denúncia, alegria e muita esperança.

Foi com este espírito, em comunhão com o 3º Ano Vocacional da Igreja do Brasil, que as atividades se desenvolveram voltadas para refletir e celebrar a vocação específica dos cristãos leigos e leigas, como também, despertaram para o agir do Organismo a partir da necessidade do Povo de Deus, sobretudo o mais sofrido e excluído, apontando sempre caminhos que geram nova vida. Teve como destaque na programação o início do itinerário de preparação ao Jubileu de 50 anos de criação (1975 a 2025) com toda sua caminhada, história de perseverança e luta, fortalecendo o tema escolhido para este período que é: **“A profecia do Organismo-CNLB”**.

A celebração de abertura do Jubileu, aconteceu na Catedral de Recife e Olinda, contando com uma bela recordação da vida de Dom Hélder e emocionante oração junto ao seu túmulo, ocasião em que todos os presentes receberam um “anel de tucum” e assumi-

ram o compromisso de **não deixar cair... nem morrer a profecia**, acrescentou depois, Dom Manoel – bispo referencial do Laicato no Nordeste 2- quando saudou os presentes.

O tema “ profecia”, inspirado na vida do querido profeta Dom Hélder Câmara, esteve presente em toda a AGO. Foi refletido e aprofundado pelo monge Marcelo Barros, o grande amigo, que dele recebeu este pedido nas últimas horas de vida e agora torna-se um chamado aos cristãos leigos e leigas, presentes ao evento, para voltarem aos seus recantos, suas comunidades, invocarem a coragem de Dom Hélder, de denunciar as injustiças e os descasos cometidos contra os filhos e filhas de Deus, bem como anunciar a Boa Nova do Reino construindo uma sociedade de justiça, solidariedade e paz.

Os participantes tiveram a oportunidade de tomar consciência de dados da realidade mundial e brasileira bem atualizados pela assessora Dra. Tania Barcelar economista renomada, reconhecida internacionalmente e que presta assessoria à CNBB em assuntos de análise de conjuntura. Suas informações despertaram reflexão e tomada de posição frente às inúmeras situações conjunturais que causam impacto negativo na vida da população e clamam por ações corajosas de transformação, o que representou logo de início, uma forte chamada à Profecia, pela constatação

do crescimento da desigualdade e da ganância dos poderosos.

Toda a dinâmica da AGO voltou-se para, além dos momentos celebrativos e festivos, animar o laicato com experiências e relatos positivos, depoimentos que encorajam a anunciar com firmeza o Reino de justiça e paz em meio a uma realidade desigual e injusta e sobretudo, agir em defesa e valorização da dignidade humana onde ela se encontra massacrada. O clamor dos pobres e o grito dos mártires da caminhada, sempre reafirmados, rezados e lançados como seiva que jorrava, para alimentar frutos novos de profetas e profetisas. Um clima de verdadeira busca de aprimorar o dom da profecia, vivenciada pelos testemunhos dos irmãos e irmãs que lutam e resistem em defesa de vida plena para todos.

O CNLB com essa vocação profética constitui-se em espaço para se denunciar as violências causadas às pessoas com fragilidades, corrupções e os frequentes descasos dos governos. Às vezes torna-se incomodado e ameaçado por algumas temáticas. Precisamos estar abertos à Profecia, se quiserem calar a voz do profeta, diante das vidas em riscos, falta de apoio governamental, desempregados, enfim todas as injustiças sociais e os conflitos que surgem por conta das denúncias, principalmente na defesa da justiça e da vida dos pobres. A profecia não deve silenciar, pois temos que continuar ouvindo os clamores do

“Filho amado”, reconhecendo e assumindo o que afirmou tão bem o monge Marcelo Barros, “a profecia está com o laicato”.

A Assembleia, foi oportunidade também de muito agradecimento, homenagem e partilha na vivência evangélica inspirada na CF/23 que vem chamando atenção para o flagelo da fome no Brasil e no mundo fundamentada no mandato bíblico “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mt 14, 16). Um tema e lema propícios à atitudes e ações proféticas, pois viver a fraternidade, a solidariedade e a partilha, em meio ao consumismo e individualismo é denúncia do antireino e anúncio profético de que é possível um outro mundo, onde a vida tem o valor da dignidade de sermos filhos e filhas de Deus.

Ao final, cartas e moções foram redigidas para fazerem ecoar tudo que foi tratado entre os participantes na manifestação de suas preocupações com a promoção humana e valorização da vida. Dentre estas destaca-se a Carta oficial aprovada pela Assembleia e enviada ao Povo de Deus com suas mensagens proféticas (anexo).

Destaques

Iniciamos com a pergunta: **que é mesmo profecia, hoje?** As leituras bíblicas enfatizam a presença dos profetas. Mostram que Deus dá chance aos rebeldes, que não querem ouvir o clamor, o despertar, o convite à conversão. A

História da salvação sempre contou com a presença dos profetas. Falando em nome de Deus, insistem nas consequências para que as pessoas se afastem do mal e procurem o bem. Normalmente são vistos como pessoas que incomodam ou “estragam prazer”.

Além da Sagrada Escritura, rica em livros proféticos, vamos usar uma resposta do saudoso Padre José Comblin contida em seu livro: **A Profecia na Igreja** (Paulus, 2008) no qual ele nos ajuda a compreender as dimensões e expansão do termo sempre chamando atenção para o sentido bíblico da profecia que não é só testemunho, nem missão mas uma ação corajosa e destemida dirigida ao povo, para denunciar a corrupção, as injustiças, os desvios e os direitos negados, tudo que não está de conformidade com o projeto de Deus à Humanidade. Na vasta compreensão do termo, Comblin inicia esclarecendo e diz:

“Em primeiro lugar, a profecia não se separa da pessoa do profeta, pois este profetiza com toda a sua vida. A profecia não é puro discurso, mas ação pública de grande visibilidade. A pessoa do profeta levanta-se no meio do povo. O profeta não fala somente com palavras, mas fala com toda sua vida. [...] A profecia é palavra de Deus ao seu povo aqui e agora. É atualização da palavra de Deus, que foi a missão de Jesus nesta terra” (Comblin, 2008).

Prossegue mostrando que a profecia é religiosa e também política num sentido bem particular

pois não se refere a nenhum poder, nem conquistado, nem exercido, mas à prática de coisa pública, dirigida à sociedade inteira, aos governantes, e ao povo em geral, ao mesmo tempo que anuncia uma mudança radical da sociedade toda. É a conversão total das pessoas e das estruturas da sociedade a finalidade da ação do profeta. Porém, não hesita em afirmar que

“o profeta é perseguido, denunciado, maltratado, afastado do povo e até morto. O Profeta dirige-se ao povo. A sua ação e sua palavra são atos públicos[...]. A profecia é política porque é pública, dirige-se à sociedade toda. Não substitui a política que é própria do governo, mas denuncia as injustiças do governo e anuncia uma mudança na sociedade e nos seus governantes” (-Comblin, 2008).

O profeta não é um tipo estranho, advinho, mas aquele que chama à verdade, tem consciência da vontade de Deus e tem zelo pela casa de Deus; quer levar o povo a viver a aliança e a renovar seus caminhos. O profeta Ezequiel afirma que mesmo se não escutem, “saberão que um profeta esteve com eles” (Ez 2,5). Precisamos ter cuidado com a prepotência, os mais simples são rejeitados, os profetas são eliminados, é mais fácil não ouvir o conselho do bem.

Ser profeta necessita uma força de ânimo, é ressurgir de um ato de Deus e colaborar com Deus, é uma transfiguração que entra na nossa alma. Profecia é não permitir essa

vida de morte, é ser testemunho, anunciar, e denunciar, na busca de refazer esse tecido social, continuar com a esperança de que ainda podemos ter um mundo melhor.

Estas reflexões nos levam a compreender a razão do isolamento, da perseguição e do silêncio imposto a Dom Hélder, pois sua vida de profeta incomodava os grandes, os poderosos e até a hierarquia da Igreja, que lhe negou vez e voz em muitos momentos importantes. Portanto, não nos esqueçamos do apelo de D. Helder “não deixe cair a profecia”, dos oprimidos, excluídos, migrantes, comunidades indígenas, pobres, violentados, minorias, pois são esses que pedem mudanças e transformações e neles ouvimos a voz de Deus e sentimos uma centelha de esperança.

Momento forte

A Assembleia, acolheu o Monge Marcelo Barros, que além de proferir uma palestra sobre a profecia no pensamento de Dom Hélder Câmara lançou o livro: **Não deixe cair a profecia – a herança de Dom Hélder Câmara para a humanidade do século XXI**. Oportunidade de lembrar a vida de Dom Helder apresentar aspectos importantes e desafiadores para o exercício da profecia. Repetindo sua frase marcante “**não deixe cair a profecia**” lamentou que ele teve de dizer e fazer este apelo pois estava percebendo que a profecia estava enfraquecendo, e se mostrava

mais preocupado com a profecia do que com sua própria vida. Naquele momento de sua partida, a situação da Igreja Católica estava muito difícil fechada e distante do Evangelho. Os fiéis e pastores vivenciando um catolicismo devocional, sacramental sem se preocupar com a diferença entre a fé profética e fé descomprometida com os ensinamentos cristãos.

Há no livro lançado, um item que diz: **“A profecia que antecipa algo do papa Francisco”**. Vê-se uma forte relação de continuidade e de convergência entre a profecia de Francisco e Dom Helder. Podemos citar, por exemplo: o nome que o Papa assumiu, deixando claro a prioridade da atenção aos mais pobres. Ao apresentar-se como bispo de Roma, Francisco retoma a eclesiologia da Igreja local, profecia importante da Igreja desejada por Dom Helder; decidir morar na Casa Santa Marta é outra recordação da profecia que Francisco anuncia.

A caminhada de Dom Helder não foi nada fácil: seus feitos, frutos da vivência do Evangelho, “incomodavam a muitos e ele foi sendo perseguido, deixado de lado”. Em 1971, para o sínodo dos bispos, convocado pelo Papa Paulo VI, sobre a justiça, exatamente ele que mais lutava pela justiça, não foi convocado, foi isolado, pela sua veemente força profética, assim vai nos contando o livro lançado. Em seus escritos encontramos:

“quem é despertado para as injustiças geradas pela má distribuição da riqueza, se tiver grandeza d’alma, captará os protestos silenciosos ou violentos dos pobres. E o protesto dos pobres é a voz de Deus”(Do livro “O Deserto é Fértil”, cap. 5).

Mas a obra é de Deus e a marca do amor vivido, diariamente, por Dom Helder, ficou impressa no coração do povo a que serviu e, na memória de quem o conheceu como o querido Dom da Profecia.

No chão do laicato

Há mais de 50 anos realizou-se o Concílio Vaticano II, com propostas que indicam necessários avanços em nossa Igreja. Dentre eles temos: o compromisso e o direito dos cristãos leigos e leigas agirem na Igreja, como igreja e, sobretudo na sociedade; uma Igreja em saída, atendimento preferencial aos pobres, missionária, samaritana, sinodal são os diferentes modos de ser igreja hoje, inspirados pelo Vaticano II.

Na AGO os presentes afirmavam: *“atualmente, temos um Papa que está tentando recuperar o espírito do Concílio Vaticano II, valorizar a presença do laicato e dar destaque ao protagonismo das mulheres e não está sendo nada fácil. Vivenciando em nossa paróquia e observando em outras, constatamos que há diferentes modelos de Igreja e, de acordo com o modelo adotado é organizada a formação aos fiéis e são desenvolvidas todas as suas atividades. Quando vejo a Igreja*

das paróquias, só celebrar novena, é querer fazer uma religião voltada só para Deus, o Pai sabe tudo que vocês precisam, esses louvores, essas glórias Daí advém o tipo de fé que o povo tem: profética ou não profética. A fé profética acolhe o que o Espírito diz hoje à Igreja. A fé não profética fica no catolicismo devocional, vazio e oco”.

Ao longo das manifestações foram surgindo testemunhos como: *Vejo a profecia no cotidiano; ouvir o que o Espírito diz hoje, o que Deus quer de nós, na vida espiritual, na escuta, junto aos irmãos, na capacidade de ouvir a Palavra de Deus e vivenciá-la na realidade, na pastoral social*.

Muito importante aos presentes, este despertar e refletir sobre: qual a diferença de uma igreja profecia para uma Igreja que não é profecia. Nesta perspectiva, muitos depoimentos afirmaram: é profecia anunciar com coragem o Reino de justiça e paz em meio a uma realidade desigual, e injusta; proclamar a dignidade humana, sobretudo onde ela está mais ferida, na vida dos pobres, deste mundo cruel; viver e fortalecer a solidariedade e a partilha em meio à indiferença, os consumismos e o individualismo. Sinais proféticos, de uma igreja profecia vivenciada entre cristãos leigos e leigas em sua vida de missão.

Para que haja profecia é imprescindível a ESCUTA, acolher o que Deus nos diz para fazer, na realidade de hoje à Igreja, ao

mundo, às pessoas, isso é profecia. “Somos chamados à santidade, pé no chão, cuidando do irmão, dia-a-dia. A conversão que Jesus nos pede, parte de nós mesmos à luz da Palavra de Deus.

Cristo scandalizou o mundo com sua mensagem, com seu agir. E nós como estamos vivendo a Boa Nova? Acomodamo-nos ou reagimos como Jesus o fez? “Um bom caminho já foi feito”, mas precisamos considerar que o alerta para sermos uma Igreja para hoje foi dado há mais de 50 anos!

Hoje, como cristãos leigos e leigas devemos reconhecer que pela graça do Batismo somos ungidos profetas e profetisas para a Igreja e para o mundo. É fundamental voltarmos à eclesiologia do Concílio Vaticano II, reafirmando o pensamento do Papa Francisco que está do nosso lado, da valorização do laicato, da retomada da profecia, embora por convicção, saibamos que a profecia não vem do Papa, vem daqueles a quem Deus chama e ouve Sua voz, mas o Papa é a voz que impulsiona.

Assim, o CNLB está convidando, chamando para um “Mutirão Profético”. Cumpre a cada um de nós mexer neste tabuleiro e procurar a posição de “sujeito eclesial”, para agir no mundo como “sal, fermento, luz e ramo da videira” expandindo os valores do Reino e denunciando as sombras que geram injustiça e morte. Como recomendou Dom Gabriel ao pre-

parar a nossa reflexão ao “deserto”, “*Deixemos que o Espírito nos conduza e nos envie a vivermos a profecia em nossa vida e na vida de nossos irmãos*”.

É hora do laicato agir. Viver a sua vocação laical de profetas e profetisas. A missão é nossa!

Finalizando

Após esta significativa memória, ponto de partida das celebrações dos 50 anos do CNLB, afirmamos que lá estivemos, vimos, ouvimos e testemunhamos a força das nossas três dimensões, emanadas do Batismo: profética, sacerdotal e régia. A profética está adormecida, precisa ser reativada, pois não podemos ser coniventes com o erro; oferecer a Deus nossas orações e ter a certeza de possuímos uma fagulha da divindade que nos conduz para o bem e a verdade. A conversão que Jesus nos pede, tem que partir de nós, estamos num momento em que não há muita saída, crise ecológica, social, guerras, crises mundiais e outras, como não dizer: “a profecia está por um fio”.

A vida do profeta é difícil, porque é difícil proclamar a Palavra de Deus num mundo que não quer Deus. Temos certeza que a palavra frágil de um homem ou de uma mulher, que procuram a verdade, tem a forma humana, mas a força é de Deus, pode mudar corações e mentes.

Anunciar a Palavra de Deus, não em proveito próprio, mas de

Deus, do seu projeto de vida plena, tem a recompensa de estar unido/a com Deus, por outro lado, como escreve Paulo, mesmo que tenhamos o espinho na carne, temos de Deus a promessa: “Basta-te a minha graça” (2Cor 12,9).

Que Deus nos ajude a sermos compreendidas e compreendidos na fé e a termos coragem de assumir nossa dimensão profética, para contribuirmos na construção do Projeto de Deus à Humanidade.

Boa leitura, muitas reflexões e corajoso agir!!!

“Não é preciso nunca ter medo da utopia. Gosto muito de repetir: quando se sonha só, é apenas um sonho, mas quando se sonha com muitos, já é realidade. A utopia partilhada é a mola da História.”

(Dom Hélder Câmara)

*** Edi Pradier, cristã leiga, das Equipes Docentes, Porto Alegre/RS. Integrou a Comissão de Formação do CNLB no período de 2013-2016, 2016-2019, edirpradier@yahoo.com.br; Elenise Mesquita, cristã leiga, das Equipes Docentes (Fortaleza/CE), compõe a Comissão de Assessoria Permanente (CAP), elenisesmesquita@gmail.com; Honorata Mendes, cristã leiga, da CVX, compõe a Comissão de Assessoria Permanente, honorataferreira@hotmail.com**

Para refletir:

Hoje é mais difícil ser profeta/profetisa? Ou é mais fácil? Por quê?

Faça algumas observações nos âmbitos eclesial, político e social, numa abrangência local e global da ação dos profetas e profetisas de ontem e de hoje e veja as diferenças, em atitudes, coragem, testemunho e provocações que possam transformar as realidades existentes, no projeto do Cristo libertador e serem assumidas pelos cristãos leigos e leigas, no testemunho de suas vidas.

Para aprofundar:

BARROS, Marcelo. *Não deixe cair a profecia: a herança de Dom Helder Câmara para a Humanidade do século XXI*. 1. Ed-Recife, PE: Cepe. 2022.

COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2008 – (Coleção Comunidade e Missão).

FARIA, Jacir de Freitas. *Profetas e Profetisas na Bíblia*. São Paulo, 2006 – (Coleção Bíblia em Comunidade).

MENDES, Márcio. *O Dom da Profecia*. São Paulo, 2008 – (Coleção Dons do Espírito).

RAMPON, Ivanir Antonio. *O caminho espiritual de Dom Hélder Câmara*. São Paulo: Paulinas, 2013 – (Coleção Pesquisa Teológica)

RELATÓRIO PARCIAL da 41ª AGO/CNLB – Recife/PE. 2023

RIBEIRO, Pedro A. (org). *Opção pelos Pobres no Século XXI*. São Paulo: Paulinas, 2011 –(Coleção Cidadania).



PROFECIA NA HISTÓRIA DO POVO DE DEUS

João Décio Passos*

Para a fé cristã os seguidores de Jesus Cristo são adeptos de um projeto profético: a chegada de uma nova época denominada Reino de Deus e anunciada por Jesus como Boa Notícia. Jesus é o profeta Messias Filho de Deus, que inaugura o tempo da salvação que atinge todas as dimensões da vida humana e da vida como um todo. A profecia de Jesus agrega a todos os que a ele aderem como caminho de vida e salvação em cada tempo e lugar e abre a história para uma dimensão de amor irrestrito. Seguir o profeta de Nazaré é ser profeta como ele e realizar nele, por ele e com ele o seu messianismo (cristãos = messiânicos), tanto em sua época como na história presente. Portanto, o tema da profecia não significa tão somente uma ideia que costuma ser

repetida por certos grupos eclesiais, seja no sentido místico (de sujeitos portadores de dons extraordinários que se revelam em contextos cúlticos), seja no sentido teológico-político (crítica utópica da realidade presente), mas, antes de tudo, uma dimensão constitutiva da vida cristã. Ser cristão é ser profético. A narrativa de pentecostes (At 2,16-21) que demarca o nascimento do novo Povo de Deus entende que os discípulos de Jesus crucificado e ressuscitado são os herdeiros das promessas anunciadas pelo profeta Joel (3,1-5) de uma universalização da profecia (a todos os viventes) mediante o derramamento do Espírito de Deus. Todo o povo de Deus é profético e profecia é sempre um jeito de viver e de interpretar a si mesmo e a história. A Igreja nasceu proféti-

ca e leva ao mundo a Boa notícia de que o Reino de Deus chegou e, desde então, a história humana é julgada por este parâmetro que exige renovação permanente.

A profecia é, portanto, um jeito de viver que se relaciona a um jeito de entender a história. Os profetas seguidores/imitadores de Jesus de Nazaré vivem na fé do tempo novo que Ele inaugurou. Esta novidade – Evangelho – significa não ser traçado pelo egoísmo que gera os isolamentos individuais e sociais, pelo medo e conformismo que dispensa a esperança, mas na perspectiva do Reino de Deus que agrega no mesmo projeto Deus e o ser humano, indivíduo e comunidade, presente e futuro, localidade e universalidade.

O profeta Jesus de Nazaré

A prática de Jesus se alinha à tradição profética conhecida dos judeus e bem descrita nos textos da Bíblia hebraica. A figura de Elias – seus gestos, discursos e personalidade – era uma referência sobre este personagem religioso caracterizado pelo dom pessoal e, portanto, por uma ação espontânea exercida fora dos quadros religiosos institucionais (os sacerdotes que atuavam no templo e, um pouco mais tarde, os especialistas nas Escrituras que atuavam nas Sinagogas). Por esta razão, o profeta entra em confronto direto com os personagens oficiais da instituição religiosa. A prática profética é disruptiva, “arranca e derruba” o que

está estabelecido (Jr 1,10) e, por esta razão, o profeta é sempre visto com suspeita pelo poder religioso que busca eliminá-lo: “Jerusalém Jerusalém, que mata os profetas e apedreja os que foram enviados a vocês” (Mt 23, 37). A profecia prega a transformação e a renovação da realidade. Jesus se apresenta como profeta e assim entende a si mesmo: como aquele que anuncia uma nova era, a do Reino de Deus, que exige conversão individual e transformação social e política. O discurso da Sinagoga de Nazaré apresentado por Lucas (4,18-21) como programático do ministério de Jesus deixa claro que sua ação profética dá sequência à ação dos profetas do antigo Israel. Ao ler a passagem do livro de Isaías (61,1-2) Jesus se reconhece como quem concretiza a missão de anunciar a Boa notícia aos pobres, de proclamar a libertação aos presos, de recuperar a visão dos cegos, de libertar os oprimidos e de proclamar o ano da graça do Senhor.

O movimento profético de Jesus anuncia a restauração radical, a libertação de todas as formas de divisão e opressão na vida do povo de Deus. Em nome do Pai comum e misericordioso anuncia a superação de tudo o que impede a liberdade e a igualdade dos filhos comuns. Os Apóstolos convidados a seguir Jesus entraram para esta escola de profecia e aprenderam a ser agentes pastorais da libertação de todas as formas de opressão dos

pobres. A pregação da Boa Nova pelos discípulos inclui gestos e palavras, sinais concretos da chegada do Reino.

Jesus padeceu do destino comum dos profetas: ser morto pelos sacerdotes que detêm o poder religioso e usam de uma narrativa que separa os castigados e os premiados por Deus. O profeta incomoda o poder por se posicionar junto dos marginalizados e anunciar a bondade universal de Deus que exige justiça, a começar dos mais necessitados. Por esta razão, os poderes de ontem e de hoje persegue os profetas e busca os modos de desmoralizá-lo e de eliminá-lo. A condenação à pena de morte na cruz não está isolada da profecia de Jesus; ao contrário é decorrência dela. Na morte de cruz, o Nazareno revelou o lado mais radical da profecia e do anúncio do Deus amor que supera todas as expectativas de poder divino. O Filho de Deus que morre na cruz revela outro Deus que se mostra no rebaixamento, na solidariedade radical com a condição humana. A profecia tem como consequência a cruz, onde Deus se faz presente na aniquilação humana e a partir de dentro do sofrimento faz eclodir a vitória da vida.

O dom universal da profética

A Igreja nascente se entende como a legítima herdeira das promessas de Deus ao povo de Israel:



O cristão é um homem novo que supera o isolamento individual que dispensa o outro e entende a salvação como conquista isolada e o comunitarismo que abafa a liberdade individual em nome da instituição e de uma lei objetiva.

a portadora do Espírito que agrega todos os povos para além de todas as localidades e raças. O que define o seguidor de Jesus não é mais a localização geográfica (o território da velha Palestina), a raça (o sangue judeu) e a pertença a uma comunidade religiosa (a tradição e a religião judaica), mas a acolhida de fé do salvador enviado por Deus que enviou seu Espírito que cria o novo povo, conforme as promessas. A profecia cristã é universal, ou seja, superação de toda e qualquer divisão que segregue ou coloque um indivíduo em posição superior ao outro. Assim nasce a *ekklesia* que na definição de Paulo: não há mais judeu ou grego, escravo ou livre, macho ou fêmea, pois todos são um em Jesus Cristo (Gl 3, 28). Os novos profetas (possuidores do Espírito de Deus) estão unidos por um elo novo que é o amor universal, onde indivíduo e comunidade constitui um mesmo corpo, onde não cabe nem individualismo e nem comunitarismo.

O cristão é um homem novo que supera o isolamento individual que dispensa o outro e entende a salvação como conquista isolada e o comunitarismo que abafa a liberdade individual em nome da instituição e de uma lei objetiva. A *ekklesia* é a comunidade dos pequenos, dos rebaixados assim como Deus se rebaixou encarnando-se no pobre de Nazaré que anunciou a libertação dos pobres, acolheu os excluídos e sofreu a condenação à morte. O profeta cristão é livre, comprometido com o outro e sábio: é livre das amarras da lei e da norma por possuir o Espírito da liberdade; é comprometido com a vida comum na comunidade onde não cabe o poder que distingue os de cima e os de baixo; é sábio que possui o conhecimento da cruz possui o conhecimento dos pequenos, decaídos e crucificados. A profecia vive e enuncia outro mundo possível que supera todas as formas de divisão pautadas no poder que domina a partir do di-

nheiro, da posição social, da raça e de gênero. O amor universal é o princípio, o caminho e a meta dos seguidores de Jesus.

O abandono da profecia

Quando o cristianismo abraça o poder na sua organização interna ou no mundo político e faz dele seu ideal e modo de vida abandona a atitude profética. A identificação com o poder cristaliza o grande mal que divide a humanidade entre os superiores e os inferiores, entre os melhores e os piores e, do ponto de vista mais concreto, entre os pobres e os ricos. A profecia renega este mundo que deforma a vida dos filhos de Deus e anuncia um mundo organizado na fraternidade universal. Ser profeta é ser um seguidor do Mestre que se fez pequeno com os pequenos. A religião do poder, do exibicionismo, do individualismo e do espiritualismo nega a profecia e, por conseguinte, distancia quando não rompe com seu Mestre. Em tempos de

individualismo e tradicionalismo religiosos que isolam os mais e os menos perfeitos, de uso do religioso como argumento para a divisão e justificativa de rejeição e ódio ao diferente, torna-se mais urgente voltar à postura profética que garante a autenticidade do batizado inserido no corpo eclesial – Corpo de Cristo construído pelo Espírito na história – e participante da morte/ressurreição de Jesus.

O projeto do Reino de Deus inaugurado por Jesus Cristo abre a história humana para o convívio universal dos iguais e exige superar todas as formas de dominação que divide os filhos de Deus, que sobrepõe ricos sobre pobres, homem sobre mulher, heterossexuais sobre homossexuais, povos sobre povos, clérigos sobre leigos, explorador sobre a natureza, continentes sobre continentes...

O Papa Francisco retoma na Encíclica *Fratelli tutti* o caminho fundamental do amor universal que inclui a todos, a começar os que estão à margem do caminho. A profecia universalizada por Jesus Ressuscitado traz como dom e tarefa a fraternidade universal. Todos irmãos! É dever dos cristãos serem a escola de amor e serviço, incubadora do mundo onde todos sejam irmãos. O povo de Deus será sempre a semente do mundo novo gestado pelo Reino de Deus. Ser profeta é ser o receptor e agente do Reino dentro das contradições e desafios da história presente. A

atitude profética tem sempre um preço a pagar: é um caminho que incomoda e desperta a rejeição de que preferem o Deus poderoso e dos poderosos, do Deus que justifica a separação entre os perfeitos e os imperfeitos, que sustenta o egoísmo que fecha cada pessoa em sua individualidade e a dispensa da empatia e da solidariedade.

Às vezes deixa-me triste o fato de, apesar de estar dotada de tais motivações, a Igreja ter demorado tanto tempo a condenar energicamente a escravatura e várias formas de violência. Hoje, com o desenvolvimento da espiritualidade e da teologia, não temos desculpas. Todavia, ainda há aqueles que parecem sentir-se encorajados ou pelo menos autorizados pela sua fé a defender várias formas de nacionalismo fechado e violento, atitudes xenófobas, desprezo e até maus-tratos àqueles que são diferentes. A fé, com o humanismo que inspira, deve manter vivo um sentido crítico perante estas tendências e ajudar a reagir rapidamente quando começam a insinuar-se. Para isso, é importante que a catequese e a pregação incluam, de forma mais direta e clara, o sentido social da existência, a dimensão fraterna da espiritualidade, a convicção sobre a dignidade inalienável de cada pessoa e as motivações para amar e acolher a todos (*Fratelli tutti*, 86).

João Décio Passos, cristão leigo, professor associado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Editor da Editora Paulinas; membro da Comissão de Formação do CNLB na década de 90; membro da Comissão de Assessoria Permanente 2013 a 2016, 2016-2019. jdpassos@pu-csp.br

Para refletir:

Por que os profetas incomodam o poder, na Igreja e na sociedade, por se posicionarem junto dos marginalizados e anunciarem a bondade universal de Deus que exige justiça, a começar dos mais necessitados?

Quem são os profetas de hoje que tanto incomodam os poderes constituídos?

Para aprofundar:

Documentos do Concílio Vaticano II (LG, SC, GS; AG, AA). Passos, João Décio. Obstáculos à Sinodalidade: entre a preservação e a renovação. São Paulo: Paulinas, 2023. (Coleção Igreja em Saída). Passos, João Décio. Reflexões sobre um carisma (em curso). Paulus.



FOTOS: ARQUIVO PESSOAL MARILZA SCHUINA

O QUE É SER PROFETA NO HOJE DE NOSSAS VIDAS

Silvana Suaiden*

“Não deixe cair a profecia.”(Dom Helder Câmara)

O laicato no Brasil e no mundo traz consigo uma consciência sempre revisitada de urgência histórica que nos impele a atualizar em nosso tempo a dimensão profética de nossa fé e missão. Este breve artigo sugere apenas uma reflexão sobre nossa missão profética e espiritualidade para uma prática transformadora na história.

Em tempos onde tanto se fala em inovação, é difícil entender a relação possível e necessária entre a profecia de ontem e a profecia de

hoje. Aliás, mais fácil será negar a profecia nos dias atuais. Não foi incomum escutarmos, em alguns ambientes eclesiais, no final dos anos 90 e início do novo milênio, comentários de que a profecia era coisa do passado e que, em um mundo democrático e moderno como o nosso já não era necessário insistir na missão profética. Quem assim afirmava, pouco entendeu sobre a profecia e sobre a história. Tais comentários, embora isolados, foram tomando corpo nas escolas de teologia e levando ao esvaziamento do sentido dessa importante dimensão da vocação eclesial resgatada pelo Vaticano

II e, muitas vezes, recuperada por vários documentos do Magistério. Nos dias atuais, essa dimensão retoma seu devido lugar pelas ações e palavras do Papa Francisco.

O argumento de que a palavra profética de hoje não tem relação com a palavra profética de ontem não se sustenta a não ser pela análise de sua linguagem. Os profetas de ontem utilizavam gestos, metáforas, analogias, frases de impacto e formas de discurso compreensíveis para sua época e contexto. O sistema social era outro, o modelo político idem, mesmo que apresentem semelhanças quando se

traduzem as formas de relações entre pessoas e instituições. Ontem como hoje, toda fala deve estar devida e historicamente contextualizada para que se produza o efeito desejado. Hoje, para a eficácia da palavra profética, obviamente teremos que valorizar as linguagens de nosso tempo, com seus meios, suas metáforas e significados próprios desse mundo e contexto vivido, de acordo com os dilemas desta época.

Podemos afirmar, de certa forma, que ser profeta nos dias de hoje significa dar continuidade ao espírito profético que falou e agiu por meio de homens e mulheres comprometidos com os pobres e com o Deus dos pobres, tendo a Jesus como nossa principal referência, mas aprendendo também daqueles e daquelas que o precederam e também das primeiras comunidades de seus seguidores e seguidoras. Antes e após Jesus, temos profetas e profetisas que nos precederam desde os tempos bíblicos. Não temos espaço aqui, obviamente, para fazer uma explanação sobre o profetismo bíblico ou o lugar que essa tradição teve no magistério da igreja, mas sim em preocupar-nos de manter o vínculo entre os elementos importantes dessa dimensão e prática e nossa missão nos dias de hoje, para que este elo ilumine nossa proposta reflexiva de forma a romper com preconceitos e reducionismos.

Lugar e papel da palavra profética

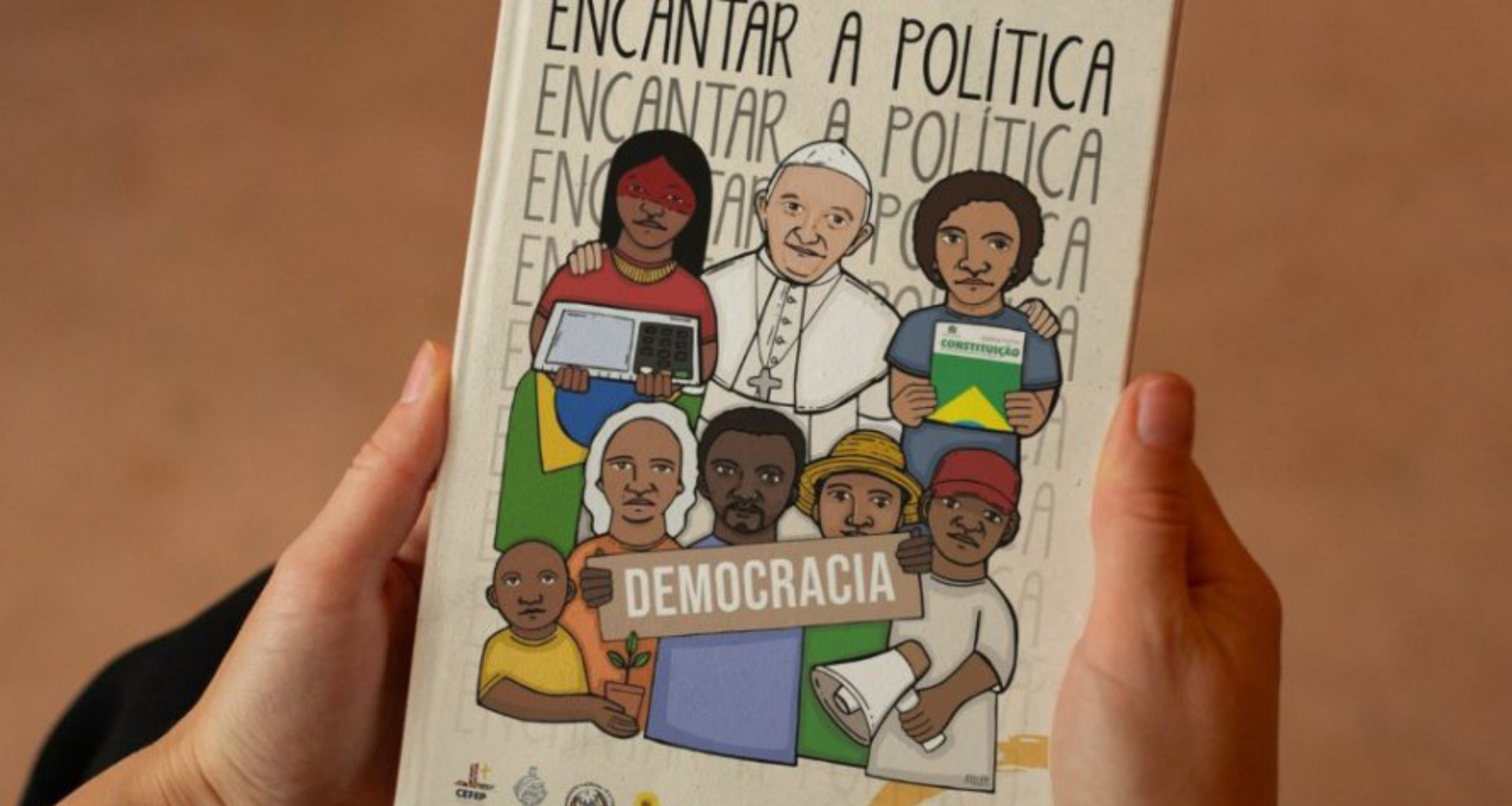
Em primeiro lugar, o profeta é alguém que fala por alguém, um porta voz. Os livros e narrativas bíblicas revelam que, em diversos momentos, havia profetas que falavam em nome do Deus *Iahweh* e outros que, mesmo anunciando falar em nome de Deus, na verdade falavam em nome do rei ou das elites, pois era o interesse destes que eles defendiam. Assim, os profetas bíblicos como Elias, Amós, Miqueias, Oseias ou Jeremias, foram se destacando também em discernir de onde vinham as palavras e posicionamentos dos discursos em disputa na sociedade daquela época. Vários livros proféticos na bíblia se dedicam a distinguir a Palavra de *Iahweh* do que faziam e falavam os falsos profetas. Creio que este é também um papel importante para a palavra profética nos dias atuais.

As formas de manipulação simbólica e até religiosa nos dias de hoje assumem uma eficácia muito superior aos tempos passados. Denunciar os falsos profetas, os falsos pastores, a manipulação religiosa, os falsos políticos... requer uma perspicácia e responde a um dos principais dilemas nos dias atuais.

Hoje o espírito profético nos leva a perguntar sobre a palavra e os gestos de quem se propõe a falar em nome de Deus ou da comunidade, ou do povo: de onde vem

essa palavra? Sua vida, seus gestos e projetos (políticos, sociais, religiosos...) defendem que tipo de sociedade? Que projeto é esse? O que sua história revela? Será que pessoas aceitam serem manipuladas? Por que? Falta educação crítica sobre política e religião? Que papel exercem nesse cenário os meios de comunicação de massa? Que tipo de conversão, ou seja, de mudança de mentalidade e de comportamento, tal realidade requer? Profetas e profetisas de hoje sabem que somente a bíblia e a tradição não são suficientes para realizar seu papel. Para responder a essas perguntas, será necessário recorrer ao conhecimento produzido e acumulado sobre essas realidades, escutar o povo sem julgá-lo e entender suas razões, será necessário analisar a conjuntura nacional e internacional sob diversos aspectos, dialogar e aprender com quem pensa essas realidades (sociais, políticas, econômicas, culturais...) mesmo não professando a mesma fé.

A maioria dos profetas e profetisas no primeiro e segundo testamentos não era composta de integrantes do sacerdócio ou dos sistemas religiosos de poder em sua época. Eram leigos e leigas, muitos anônimos e integrantes de grupos proféticos que representavam o povo pobre e sofrido. Falavam e compreendiam a urgência da Palavra do Deus *Iahweh* em favor dos pobres e oprimidos. Alguns



se destacaram por sua liderança e até formavam escolas teológicas. Os discípulos integrantes dessas escolas teriam guardado suas palavras por séculos. Por meio da mística profética, entendiam também qual era o desejo, o projeto desse Deus para o povo. E defendiam esse sonho de Deus como a utopia do Reino para todo o povo, muito além da compreensão de raça ou território.

Não há palavra profética desvinculada dos dilemas vivenciados por uma época. A ação de um profeta é sempre uma ação pública e, por isso mesmo, uma ação política. Podemos afirmar que, nos tempos bíblicos, a palavra (também traduzida em ação) de um profeta de *Iahweh* alcançava a transcendência

necessária pelo seu teor e habilidade para provocar exatamente a atenção do povo (e talvez, sua mudança) para o que realmente estava acontecendo no plano social, cultural /religioso, político nacional e internacional... Era comum entre os profetas, sobretudo no período pré exílico, falas contra o Estado de Israel e também contra as nações vizinhas quando dominadoras. Profetas são também visionários porque têm a capacidade de perceber a realidade presente a tal ponto de pressentir as suas consequências e desdobramentos. Quando o presente é um desastre, o futuro será ainda pior, caso o povo não mude de rumo.

Ao falar a partir da fé em *Iahweh*, a liderança profética leva-

va o povo ao discernimento entre as estruturas e dinâmismos sócio políticos de morte presentes na sociedade e as estruturas e dinamismo de vida ou do Espírito. Digo liderança, pois a ação dos profetas nomeados na bíblia revela estarem respaldados por seu movimento ou escola profética, algo muito comum na época, como a de Isaías, a de Oséias ou a de Jeremias... Profetas estavam ligados aos movimentos populares de sua época, assim como Jesus também esteve.

Nos dias de hoje não há verdadeiro espírito profético desvinculado das causas populares e de seus movimentos, como o movimento dos sem terra, o movimento das mulheres da periferia, as organizações de defesa dos povos indí-

genas e dos direitos humanos, as entidades sindicais de defesa dos trabalhadores, os movimentos por políticas afirmativas da diversidade... O que faria, nos dias atuais, um profeta ser mais do que um organizador social? O profeta é impelido a falar e agir (Jeremias falava em termos de “sedução” Jr 20,7) não apenas por um dever social, mas por sua motivação última e utópica, da qual depende a dimensão ética de sua profecia. É essa motivação última que integra sua fé e o assegura da fidelidade de seu Deus. Sua fé é motivada na ação libertadora de um Deus que está ao lado dos oprimidos. Ele sabe que não está sozinho e tem noção das consequências de sua palavra e gestos, por que elas expõem o sentido mais profundo da realidade. Por isso, o profeta é testemunha da realidade dos pobres e do projeto de Deus.

Esse era o papel principal da profecia bíblica como a conhecemos: levar o povo ao discernimento e à busca de uma nova realidade social. E o fazia denunciando as injustiças da classe dirigente e estruturas do Estado tributário (modelo escolhido por Israel segundo o exemplo das nações na região), chamando à conversão coletiva quando o povo estava acomodado com essas injustiças, resgatando a memória histórica do povo cujos ancestrais foram libertos da escravidão, anunciando a fidelidade de Deus e uma nova realidade que deveria ser abraçada por todos e que supunha a conversão e a esperança, às vezes anunciando a sua ruína, caso insistissem no desvio, outras vezes, consolando o povo, vítima de uma estrutura que perpassava gerações. Ao fazer a crítica social e política dessa forma, o profeta ou profetisa instaurava a cri-

se necessária para que a mudança fosse possível. A crítica religiosa, também comum no movimento profético de *Iahweh*, levava à análise da realidade em sua raiz ideológica, que era o que sustentava a adesão do povo ao projeto opressor. Por essa razão a palavra profética alcançava sua radicalidade, pois mostrava que as estruturas de morte também contavam com as relações sagradas e ideológicas do aparelho religioso, normalmente controlado pelo rei de plantão. Realizar hoje esse mesmo papel diante das estruturas e valores de nosso tempo é atualizar a palavra profética dos antigos.

O respaldo do movimento profético à liderança que falava Palavra de *Iahweh* diante dos reis ou autoridades de Israel nos tempos bíblicos conferia ao porta voz do movimento uma coragem que só se entendia como algo trans-



Profetas são também visionários porque têm a capacidade de perceber a realidade presente a tal ponto de pressentir as suas consequências e desdobramentos. Quando o presente é um desastre, o futuro será ainda pior, caso o povo não mude de rumo.

cedente, pois o risco era grande (e continua sendo!). Ao ser voz do movimento que o respaldava, o profeta atualizava a palavra de seu Deus, o Deus *Iahweh*, libertador do êxodo. Mesmo com o respaldo dos seus, sabe-se que quase todos os profetas e profetisas do norte e do sul de Israel foram perseguidos, silenciados ou mortos.

Em seu tempo e até para outras religiões, Jesus foi também considerado um profeta. Para os evangelhos, ele foi a Palavra de Deus encarnada. Não apenas pelo que disse, mas também por suas ações e gestos. Toda sua vida e projeto, o que ele defendia, tinha uma dimensão política e religiosa ao mesmo tempo. Sua prática foi tão incômoda que foi condenado à morte pelo procurador Romano, com o apoio das elites religiosas judaicas da época. Até os dias de hoje, pessoas e grupos que atualizam para seu tempo o sonho de Jesus (mesmo sem confessá-lo) e a crítica profética, acabam sofrendo perseguição, demissão do emprego, intimidação, cancelamento, assédio moral, difamação, expulsão, hostilidade, prisão e até a morte. Muitos são os mártires e é papel da profecia fazer sua memória.

Quanto às igrejas, sempre que estas se associam aos ricos e ao poder político e econômico estabelecido (hoje, o modelo neoliberal e ultra neoliberal), novos protestos e profetas surgem de suas bases

para que estas se convertam. Às vezes não são igrejas, mas empresas da fé. E também precisam ser denunciadas. Hoje há muitas palavras e vozes proibidas por aqueles que se têm como os donos deste mundo e seus seguidores. Assim como os profetas anteriores a Jesus foram tidos como subversivos e Jesus chamado de blasfemo, os que nos dias atuais proclamam com suas vidas o evangelho de Jesus, socorrem os pobres e denunciam as injustiças, são chamados de comunistas, esquerdistas, ou qualquer fantasma que, de tempos em tempos, ressurgem pelas palavras daqueles (os falsos profetas de hoje!) que não aceitam os divergentes e não querem verdadeira mudança da sociedade desigual e em suas vidas.

O carisma profético percorre os tempos e lugares

“Se eles forem calados, as pedras gritarão” (Lc 19,40).

Assim como nos tempos bíblicos, na história da Igreja, sempre houve profetas e profetisas. Porém, nem sempre a profecia foi valorizada oficialmente. Muitas vezes, foi sufocada e até proibida, dos primeiros séculos de nossa era até os tempos atuais. No concílio Vaticano II, a conjuntura do pós-guerra e as contradições internas da Igreja propiciaram o surgimento de vozes proféticas como as de D. Helder Câmara e do teólogo

D. Yves Congar. Ambos também tiveram uma boa dose de perseguição ou cancelamento em suas vidas. Na América Latina cresceram movimentos de atuação concreta da opção pelos pobres a partir dos textos conciliares e de sua atualização pelas conferências de Puebla e de Medellín. Foi grande a repercussão pela produção de teólogos e teólogas da libertação, de princípio, maioria católica, mas foram se unindo a eles e elas também de outras confissões, não apenas sacerdotes, mas também leigos e leigas. Ligadas a movimentos sociais, muitas comunidades eclesiais de base foram e são ainda uma fonte de palavra profética inspirada nas comunidades originárias do cristianismo. De conferências episcopais a lideranças populares, a profecia foi se fazendo presente em muitos e difíceis momentos do povo latino americano. Podemos afirmar que a profecia é obra do Espírito, o qual é livre perante pessoas, poderes e religiões.

Nos dias atuais o espírito profético permanece, mesmo que nem sempre reconhecido como tal pelos documentos oficiais da igreja ou pela imprensa corporativa. O espírito profético nos dias de hoje não necessita ser chamado de profético para fazer-se presente. Não precisa se identificar com esta ou aquela igreja ou religião. Nem mesmo precisa ser uma palavra religiosa. Pode se dar até na palavra e

atitude de uma pessoa que se confessa atea, quando esta nos conduz ao sentido mais transparente e profundo dos acontecimentos e da existência humana, quando se coloca na defesa da justiça e dos pobres que não têm voz e vez. Às vezes, a palavra profética atualiza o desejo de Deus por meio de poetas, de artistas, de pensadores e pensadoras, de cientistas, dos trabalhadores que enfrentam a exploração e, apesar do medo, se organizam, de jovens que se preparam para combater as *fake news* que corrompem a consciência dos simples, de pessoas que se unem para fazer manifesto em prol dos direitos humanos, de uma causa justa, contra a exploração no trabalho ou a prática racista e genocida de governos e grupos....

Embora homens e mulheres possam hoje ser identificados, individualmente, como profetas, cada vez mais podemos entender a profecia como uma força coletiva. Podemos afirmar que o espírito profético não é exclusividade de uma raça, de lideranças religiosas nem de intelectuais ou líderes políticos. Pessoas que, mesmo sem o saber ou terem escutado falar em Jesus, mesmo sem ter uma fé que seja religiosa, se em suas vidas e em seus valores pelos quais lutam houver uma atualização do sonho ou projeto de Jesus, então podemos afirmar, como em Mt 25, 31s, que são também portadoras do espírito profético.

Como todos os profetas bíblicos, um profeta nos tempos atuais não é uma pessoa “perfeita”, nem seu grupo, mas tem lado. E esse é o lado que tomou o seu Deus. O Deus libertador do povo hebreu é um Deus que não tolera a escravidão, a injustiça e a violência ou sacrifício de seres humanos. Assim foi com o Deus dos evangelhos, a quem Jesus chamou de Pai. Para nós, seguidores e seguidoras de Jesus, a principal referência a seguir como espiritualidade profética é a pessoa e a prática de Jesus.

Um mundo sem pobres e oprimidos é um imperativo ético que perpassa toda a Bíblia, seja em suas leis ou em sua utopia (Dt 15,4; At 2,44-45; 4,32-35). Profetas para os dias de hoje defendem um outro mundo possível, um modelo de sociedade que seja justo, igualitário e integrado com a natureza respeitada e preservada, onde a vida das pessoas seja mais importante que o lucro de alguns. Profetas de hoje repudiam e denunciam todo sistema e estrutura de violência que destrói a vida e a convivência humana.

Se a palavra profética de ontem e de hoje deve levar o povo ao discernimento entre o dinamismo das estruturas e projetos que o levam à morte e das estruturas e projetos que poderão levá-lo à vida, a palavra profética hoje é a palavra necessária contra a fome, contra o genocídio em Gaza e em

qualquer país esquecido da África, porque a fome e o genocídio não são acidentes, são projeto; é a palavra adequada e pertinente contra o sistema capitalista e seu império que apresenta o mercado como um deus e seduz multidões a consumirem sua força e seu tempo no turbilhão do consumismo; é a palavra transformadora que questiona o engano desumanizante nas redes digitais pelas *fake news* e, ao mesmo tempo, provoca o surgimento de redes de solidariedade com os empobrecidos; é a palavra-ação de pessoas e grupos que se organizam para enfrentar os ataques das grandes corporações que exaurem os bens naturais, acumulam riquezas e envenenam a terra e os corpos; é a voz crítica de mulheres e homens que tem a coragem de nomear os responsáveis pelo desastre humano, de dar nome ao caos gerado pelo sistema imperante e de apontar os caminhos de saída e libertação/revolução a partir dos pobres e oprimidos.

Como fazer com que essa palavra profética hoje conquiste corações e mentes? Como torná-la tão transparente, crítica e, ao mesmo tempo, capaz de instaurar a esperança? Como ir do personalismo político à profecia coletiva que defende o projeto emancipador dos pobres em tempos de robôs e zumbis digitais? Como enfrentar toda uma indústria de notícias falsas que impedem o discernimento da vida?

Como tirar as Igrejas de sua paralisia ou acomodação às promessas fáceis do capital e dos poderes? Como despertar o senso crítico e solidário em um povo tão cooptado pelo consumismo individualista e tão marcado pela amnésia social? Como seguir provocando uma fé transformadora e um projeto libertador em um mundo cada vez mais religioso, porém cada vez mais distante do Deus dos profetas e do Evangelho de Jesus?

Não tenho respostas para todas estas perguntas. Tenho apenas nomes inspiradores, entre os quais destaco aqui alguns que já se foram: Francisco de Assis, Bartolomé de las Casas, Hildegarda de Bingen, Oscar Romero, André Jarlan, Eduardo Galeano, Margarida Maria Alves, Pe Josimo, Pedro Casaldáliga, Paulo Freire, Helder Câmara, Paulo Evaristo Arns, Zilda Arns, Ir. Dorothy, Martin Luther King, Marielle Franco, Santo Dias da Silva, Milton Schwantes, Milton Santos, Bruno Ribeiro, Chico Mendes, Ir. Dulce dos Pobres, Merong Kamakã. Os nomes de profetas e profetisas que estão ainda vivos são muitos e os deixarei para uma lista futura.

Silvana Suaiden, cristã leiga, da Rede de Assessores do Centro Nacional de Fé e Política “D. Hélder Câmara” – CEFEP, professora licenciada da PUC-Campinas. silsuaiden@gmail.com

Para refletir:

Como fazer com que a palavra profética hoje conquiste mentes e corações e seja capaz de instaurar a esperança?

Como seguir provocando uma fé transformadora e um projeto libertador em um mundo cada vez mais religioso, porém cada vez mais distante do Deus dos profetas e do Evangelho de Jesus?

Para aprofundar:

BRENNER, Athalya. *Profetas a partir de uma leitura de gênero*. São Paulo: Paulinas, 2003.

CASALDÁLIGA, Pedro e VIGIL, José Maria. *Espiritualidade da Libertação* (Tomo IX). Série III - A libertação na história. Petrópolis: Vozes, 1996.

COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2008.

CONSELHO NACIONAL DO LAICATO NO BRASIL – CNLB (org.) *O Reino de Deus e sua justiça. Cristãos leigos e leigas, sujeitos na política*. São Paulo: Paulinas, 2018.

PIXLEY, Jorge. *O Deus libertador na Bíblia. Teologia da Libertação e filosofia processual*. São Paulo: Paulus, 2011.

_____, *O Reino de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1986.

RIBEIRO DE OLIVEIRA, Pedro A. (org.) *Opção pelos pobres no século XXI*. São Paulo, Paulinas, 2011.

SCHWANTES, Milton. *O direito dos pobres*. São Leopoldo / São Bernardo do Campo: Oikos / Editeo, 2013.

SICRE, José Luís. *Profetismo em Israel. O profeta. Os profetas. A mensagem*. Petrópolis: Vozes, 1996.

TAMEZ, Elsa. *A Bíblia dos oprimidos. A opressão na teologia bíblica*. São Paulo: Paulinas, 1980.

VITÓRIO, Jadelmir e GODOY, Manoel (orgs.) *Tempos do Espírito. Inspiração e discernimento*. São Paulo / Belo horizonte: Paulinas / SOTER, 2016.

Como o CNLB-Organismo tem vivido, em sua caminhada, a profecia?

Laudelino Augusto dos Santos Azevedo*

“Fortalecido pelo profetismo do Papa Francisco, o cristão discípulo missionário enfrentará, como profeta, as realidades que contradizem o Reino de Deus”. (CNBB 105, n.177)

No contexto da Celebração dos 50 anos de criação do CNLB, recebi a incumbência de escrever sobre: **Como o CNLB-Organismo tem vivido, em sua caminhada, a profecia?**

A “profecia” é integrante da missão de toda a Igreja e os cristãos leigos e leigas “foram incorporados a Cristo pelo Batismo, constituídos Povo de Deus e, a seu modo, feitos partícipes do múnus sacerdotal, profético e régio de Cristo, pelo que exercem sua parte na missão de todo o povo cristão na Igreja e no mundo” (LG, n. 31).

Muito nos interpela a Pontifícia Comissão para a América Latina que afirma, com ênfase: “Aos cristãos leigos lhes compete primordialmente viver seu Batismo, crescer no Senhor, dar testemunho da fecundidade transformadora e construtora do Evangelho, sua riqueza de humanidade nova, nos quadros da própria vida pessoal, familiar, profissional e política. Se toda a missão da Igreja tem uma dimensão secular, pela lógica da Encarnação – estar no mundo sem ser do mundo, para a salvação do mundo -, essa “índole secular” se realiza de modo prioritário e fundamental



por meio dos cristãos leigos. Corresponde a eles impregnar de espírito cristão as leis, os costumes, as estruturas e ambientes de convivência na “polis”. Sua contribuição singular e indelegável é participar nas responsabilidades cidadãs, na dialética democrática, para transformar o mundo segundo o Evangelho de Cristo”. (“O Indispensável Compromisso dos Leigos na Vida Pública dos Países Latino-Americanos”, D.I. 31 - Edições CNBB, página 27).

Vemos que, tanto em sua vida pessoal, familiar, comunitária e, sobretudo, como membros da Igreja, os cristãos leigos e leigas são chamados e enviados a exercer o profetismo. “A dimensão profética é dimensão essencial da missão evangelizadora da Igreja. (...) Participantes da missão profética da Igreja, os fiéis leigos e leigas, empenhados em iluminar o mundo com a luz de Cristo em todos os ambientes, tornam-se sujeitos privilegiados da inculturação do Evangelho para a construção do Reino na história” (CNBB 80, n. 3).

Constatamos, também, que o “agir” do cristão leigo individualmente, em sua família, comunidade e na sociedade, tão fundamental e urgente, ganha força e maior eficácia se for realizado e testemunhado de maneira associada, como ‘Organismo’! São João Paulo II, na Exortação Apostólica “Christi-

fideles Laici”, sobre a “Vocação e Missão dos Fiéis Cristãos Leigos na Igreja e no Mundo”, constata e ensina: “A comunhão eclesial, já presente e operante na ação do indivíduo, encontra uma expressão específica no operar associado dos fiéis leigos, isto é, na ação solidária que eles desenvolvem ao participar responsabilmente da vida e da missão da Igreja”, pois, continua, “exprime, de fato, a natureza social da pessoa e obedece ao imperativo de uma mais vasta e incisiva eficácia operativa. Na verdade, a incidência ‘cultural’ fonte e estímulo e, simultaneamente, fruto e sinal de todas as demais transformações do ambiente e da sociedade, só se pode alcançar com a ação, não tanto dos indivíduos, mas de um ‘sujeito social’, isto é, com a ação de um grupo, de uma comunidade, de uma associação, de um movimento” (ChL, n. 29). Comentando este texto da Exortação Apostólica, Dom Marcelo Carvalheira, que foi Assistente da Ação Católica e bispo referencial para o Laicato, afirmou: “Sem essa organização em Conselhos próprios, fundamentados no mistério da Igreja comunhão e missão e, conseqüentemente, na teologia dos ministérios, parece-nos impossível enfrentar, hoje, no mundo atual com toda a sua complexidade, o desafio da nova evangelização. (...) Há problemas na evangelização do mundo hoje a que só os cristãos leigos articula-

dos e até organizados oficialmente podem dar resposta, também como Igreja inserida no mundo” (1989, p. 1580-1587).

Viver o Profetismo

Com esta fundamentação, passamos a discorrer sobre a pergunta que nos foi proposta: **Como o CNLB-Organismo tem vivido, em sua caminhada, a profecia?** Mesmo antes da criação do CNLB, encontramos a presença e ação profética de inúmeros cristãos leigos e leigas, especialmente após 1935 com a oficialização da Ação Católica em nosso País, o que proporcionou o crescimento da consciência da identidade laical e o seu compromisso nas realidades do mundo. Esta consciência da identidade, vocação, espiritualidade e missão dos cristãos leigos e leigas ficou mais evidente ainda com o Concílio Ecumênico Vaticano II (1962 a 1965) e o Magistério subsequente. Com o golpe militar e a imposição da ditadura no Brasil, a partir de 1964, muitos membros da Ação Católica foram perseguidos, presos, exilados e até mesmo assassinados e desaparecidos, como consequência de seu profetismo. Neste contexto, foi criado o CNL-Conselho Nacional de Leigos, por iniciativa da CNBB expressa na 10ª Assembleia Geral, em 1971 e após reuniões e encontros nacionais dos Movimentos e Associações Laicais atuantes na

época. O CNL foi criado em 1975 e, desde o início, ficou muito clara a dimensão profética dos cristãos leigos e leigas e do ‘Organismo’ recém-criado. Além dos Documentos do Concílio, especialmente a *Lumen Gentium* e *Apostolicam Actuositatem*, sobre o “Apostolado dos Leigos”, durante o processo de criação do CNL foi realizado o Sínodo sobre a Evangelização no Mundo Contemporâneo e publicado, exatamente em 1975, a Exortação Apostólica de Paulo VI, a *Evangelii Nuntiandi* que afirma: “O campo próprio da atividade evangelizadora dos leigos é o mesmo mundo vasto e complicado da política, da realidade social e da economia, como também o da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos meios de comunicação e, ainda, outras realidades abertas para a evangelização, como sejam o amor, a família, a educação das crianças e dos adolescentes, o trabalho profissional e o sofrimento”. (EN, n.70).

Nesta vivência do profetismo, no ano de 1984 o CNL participou do movimento nacional pelas “Diretas já”, através de artigos, análises de conjuntura, participação em mobilizações, inclusive com a publicação corajosa de uma Nota: “O Conselho Nacional de Leigos e o Processo Político Atual”. Já em 1985, o CNL teve uma participação destacada na 23ª AGO da CNBB, cujo tema foi “Leigos”, em preparação para o Sínodo Mundial que

seria realizado no final de 1986, sobre “A vocação e a Missão dos Fiéis Leigos na Igreja e no Mundo” e que, ao final, foi realizado em outubro de 1987. O texto profético apresentado pelo CNL trazia “Os desafios que a realidade apresentava à Igreja e como a Igreja estava respondendo”, destacando o que chamaram de “fatos notáveis: as CEBs-Comunidades Eclesiais de Base; as Assembleias do Povo de Deus nas Dioceses e outras formas de participação conjunta de leigos e hierarquia; a redescoberta da Palavra de Deus no pós-Concílio e o compromisso dos cristãos no mundo”. Nesta Assembleia, também foram proféticos os depoimentos de cristãos leigos e leigas atuantes no mundo do trabalho, da política e nos movimentos populares, dentre outros. É importante destacar que, simultaneamente, o CNL teve participação intensa e profética nos anos 1985 a 1988, nos Comitês Pró-participação Popular na Constituinte e nas coletas de assinaturas pelas “emendas populares” ao texto da nova Constituição Federal. Animados pela CNBB, através da Comissão Nacional de Pastoral-CNP e em parceria com Entidades da Sociedade Civil, foi fundamental a participação dos cristãos leigos e leigas em todo o processo Constituinte! Neste período, intensificou-se a formação “Fé e Política” e foram criadas muitas Comissões Arqui/Diocesanas de Fé e Compromisso Social.

Em agosto de 1987, em Mariápolis Ginetta/SP, foi realizado o Encontro Nacional de Leigos, com o tema: “LEIGOS, PRESENÇA, COMPROMISSO, PARTICIPAÇÃO: IGREJA E MUNDO”, com a participação de mais de 500 cristãos leigos e leigas. O objetivo maior foi a conclusão da preparação prévia para o Sínodo e, estando no período da elaboração da Constituição Federal, acompanhar todo o processo e garantir a aprovação de uma Carta Magna segundo as reais necessidades de nosso País. Em março de 1988, foi realizado o Encontro de Dirigentes dos Movimentos e Pastorais, no Instituto Pio XI, em São Paulo. Destacamos a profunda e extensa Análise da Conjuntura Nacional, centrada no processo da Constituinte e na consequente participação e responsabilidade dos cristãos leigos e leigas. Espaço privilegiado para o profetismo do Laicato, especialmente de maneira organizada no então CNL.

Profetismo:

Ação de toda a Igreja


Se, conforme constatou e incentivou São João Paulo II, a ação associada dos cristãos leigos e leigas tem maior eficácia, mais ainda a ação conjunta e orgânica dos Organismos do Povo de Deus: CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), CNP (Comissão Nacional dos Presbíteros), CND (Comissão Nacional dos Diáconos),

CRB (Conferência dos Religiosos e Religiosas), CNISB (Conferência Nacional dos Institutos Seculares) e CNLB (Conselho Nacional do Laicato do Brasil). Logo após a sua criação, o CNL foi convidado a participar das reuniões da Comissão Episcopal de Pastoral – CEP (hoje, CONSEP), do Conselho Permanente e das Assembleias da CNBB. No final dos anos 1980, começaram as reuniões das Presidências dos Organismos do Povo de Deus e, em 1991, foi realizada a 1ª Assembleia Nacional dos Organismos do Povo de Deus – ANOPDs, das quais já foram realizadas 10 Assembleias Nacionais. Conjuntamente, numa dinâmica sinodal, são a “Igreja, povo santo de Deus, peregrino e evangelizador, corpo de Cristo presente e atuante na história dos seres humanos, templo do Espírito Santo” (Cf. CNBB 105, n.92) e constituem por si só, um forte testemunho profético no mundo e na história.

No final dos anos 1990, já como Conselho Nacional do Laicato do Brasil-CNLB, nosso Organismo teve atuação importante na divulgação e mobilização da Campanha Contra a Corrupção Eleitoral, promovida pelo Movimento de Combate à Corrupção Eleitoral-MCCE, em parceria com a CNBB, Associação Juízes para a Democracia-AJD, Ordem dos Advogados do Brasil-OAB, dentre outras. A proposta nasceu da Campanha da Fraternidade de 1996 – Fraternida-

de e Política – através da Comissão Brasileira de Justiça e Paz-CBJP. O resultado dessa Campanha foi a Lei Federal 9840/99, contra a corrupção eleitoral. O mesmo processo se repetiu de 2008 a 2010, também encabeçado pelo MCCE, com a divulgação, conscientização, mobilização e com a coleta nacional de assinaturas para um Projeto de Lei de Iniciativa Popular que resultou na Lei Complementar 135/2010, conhecida por Lei da Ficha Limpa.

Outro espaço privilegiado de profetismo, promovido por todo o Corpo Eclesial, coordenado pela



É fundamental enfatizar que o CNLB amplia sua ação profética, através das Organizações Filiadas que, desde a sua origem, unem-se no mesmo espírito de profecia tornando eficaz a evangelização nas distintas realidades do mundo.

CNBB e que sempre contou com a participação do CNLB, são as Semanas Sociais Brasileiras. Cada qual com um tema específico da realidade do país, com análises e aprofundamentos, buscando alternativas para a inclusão social e o desenvolvimento sustentável em todas as dimensões. Na mesma linha, estão a realização e celebração do “Grito dos/das Excluídos/as”, no dia 7 de setembro a cada ano. Nos últimos anos, um destaque para a realização da Jornada e do Dia Mundial do Pobre, também a cada ano.

No início dos anos 2000, o CNLB participou ativamente do “Mutirão Nacional de Superação da Miséria e da Fome”, lançado pela CNBB em 2002 e do “Mutirão pela Amazônia”, iniciado em 2003. No recente período da Pandemia do Covid-19, triste e devastador, o CNLB atuou em todas as suas instâncias no Projeto “É Tempo de Cuidar”, através do “Pacto pela Vida e pelo Brasil”. Iniciado no dia 07/04/2020, numa parceria entre a CNBB, OAB, ABI, SBPC, Comissão Arns e Academia Brasileira de Ciências, teve impulso e capilaridade com a ação do CNLB: “O Pacto pela Vida e pelo Brasil deixou de ser um Grupo de Trabalho e passou a ser um movimento orgânico, transformador, espontâneo, aglutinador de forças sociais e que promoveu a união em torno a questões fundamentais para o Brasil em tempos de Pan-



demia e de crises institucionais” (Site CNBB-25/08/2021). Mais de 3 mil mobilizadores cadastrados em todo o país, com reuniões semanais e ‘lives’ sucessivas levando às ações concretas de distribuição de alimentos, remédios e equipamentos. Parceria com o programa “Cozinhas Solidárias”, coordenadas pelo Movimento dos Trabalhadores sem Teto, que distribuiu toneladas de alimentos. “Com a participação do CNLB, criou-se uma grande cadeia e rede de solidariedade em torno do Pacto pela Vida e pelo Brasil” (Site da CNBB-25/08/2021).

Muito relevante, também, e digno de nota, foi o empenho do CNLB na realização da “Romaria pela Democracia”, realizada em

Aparecida/SP no dia 23/10/2022, num momento tenso de ameaça ao Estado Democrático de Direito e com grande risco à Democracia em nosso País. O Laicato organizado, impulsionado pelo Evangelho e pelo Ensino Social da Igreja, consciente de sua missão no mundo, em vista do Reino de Deus, exerceu o profetismo naquele momento crucial da história do Brasil.

É muito importante destacar, nesta caminhada, a vivência e o exercício do profetismo do CNLB na realização das Campanhas da Fraternidade, promovidas pela CNBB, mas preparadas e executadas na dinâmica sinodal por todo o Corpo Eclesial, sendo, inclusive, algumas ecumênicas, com a participação de outras Igrejas Cristãs. A

cada ano, como vivência concreta do espírito quaresmal, uma questão social é abordada no método profético: anúncio, denúncia e convocação/mobilização, na busca de soluções. Têm sido uma ação profética de toda a Igreja, fecunda e com muitos frutos na caminhada!

É fundamental enfatizar que o CNLB amplia sua ação profética, através das Organizações Filiadas que, desde a sua origem, unem-se no mesmo espírito de profecia tornando eficaz a evangelização nas distintas realidades do mundo. Dezenas de Pastorais, Movimentos, Associações Laicais e Serviços Eclesiais, que caminham em comunhão, participação e missão, voltadas, segundo seus carismas, para os diversos campos

de atuação como a família, crianças, juventudes, educação, saúde, promoção social, cidadania, mundo do trabalho e que, como ramos na videira, vão produzindo e espalhando frutos bons para encantar, denunciar e anunciar a Boa Nova do Evangelho.

Nesta caminhada profética, temos ainda os Cursos e aplicação da Doutrina Social da Igreja, a dimensão social da Fé, o engajamento no “Pacto Global pela Educação”, na Economia de Francisco e Clara, nos Cursos de Formação do Centro Nacional de Fé e Política Dom Helder Câmara-CEFEP, nos Cursos para Conselheiros de Políticas Públicas, Cursos de Planejamento de Campanhas Eleitorais, nos Encontros Nacionais de Fé e Política e no Projeto “Encantar a Política” e participação, também, no Movimento Laudato Si’, Junho Verde, Defesa e Promoção do SUS, dentre outros.

Profetismo: promana do Batismo e é fruto da Eucaristia

Toda essa caminhada é decorência da identidade, vocação, espiritualidade e missão dos cristãos leigos e leigas, que promanam do Batismo. São João Paulo II destaca como um dos critérios de eclesialidade das agregações laicais: “O empenho de uma presença na sociedade humana que, à luz da Doutrina Social da Igreja, se coloque a serviço da dignidade integral do homem. Assim, as agregações dos

fiéis leigos devem converter-se em correntes vivas de participação e de solidariedade para construir condições mais justas e fraternas no seio da sociedade”. (ChL, n.30)

Também, “o Papa Bento XVI ofereceu-nos luzes e encorajamento para o profetismo dos leigos na missão no mundo. ‘O sacramento da Eucaristia tem um caráter social. A união com Cristo é ao mesmo tempo união com todos os outros a quem ele se entrega. Eu não posso ter Cristo só para mim. É necessário explicitar a relação entre o mistério eucarístico e o compromisso social abrindo-nos ao diálogo e ao compromisso em prol da justiça, à vontade de transformar também as estruturas injustas. A Igreja não deve ficar à margem da luta pela justiça”. E, completa, “A partir da Eucaristia, nasce a coragem profética” (CNBB 105, n. 252-254; SCa, n. 89). Na mesma linha, o Papa Francisco insiste: “O amor, cheio de pequenos gestos de cuidado mútuo, é também civil e político, manifestando-se em todas as ações que procuram construir um mundo melhor” (LSi’, n. 231). Nossos bispos afirmam: “É missão do povo de Deus assumir o compromisso sociopolítico transformador, que nasce do amor apaixonado por Cristo. Desse modo, se incultura o Evangelho” (CNBB 105, n.161).

Profeticamente, a abertura do Jubileu CNLB 50 Anos se deu diante do túmulo do Servo de

Deus Dom Helder Câmara, em Olinda/PE: “Não deixemos morrer a profecia”!

Na dinâmica do Reino, em tempos de Francisco e dos Organismos do Povo de Deus, vivendo a sinodalidade, mantendo a profecia, entre angústias e esperanças pela situação da Igreja, do Brasil e do mundo, vamos caminhando ...

*** Laudelino Augusto dos Santos Azevedo, cristão leigo, membro da Comissão de Assessoria Permanente (CAP/CNLB), presidente do CNLB no período de 2010-2013; membro da Comissão de Assessoria Permanente 2013-2016, 2016-2019, 2019-2022. laudelinomcpc@yahoo.com.br**

Para refletir:

Como o CNLB pode viver, em tempos atuais, o seu profetismo na Igreja e na Sociedade?

Para aprofundar:

CNBB, Documento 80. Evangelização e Missão Profética da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2010.

CNLB, Documentos históricos: “Informativo CNL”, Cadernos do CNL, Folheto/Jornal “Bilhete do CNLB”.

Revistas “UM OLHAR” (edições anteriores) - CNLB.

COMO VIVER A PROFECIA NUMA IGREJA SINODAL

Maria Rosa Morala*



*“Ele me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres” (Lc 4,18)
“Buscai primeiro o Reino de Deus” (Lc 12, 22)*

A inspiração para o tema que nos ocupa vem, em primeiro lugar, da Palavra de Deus, fonte de vida, “lâmpada para os nossos passos”, “luz em nossos caminhos...” “*Não foram vocês que me escolheram, mas fui eu que escolhi vocês. Eu os destinei para ir e dar fruto, e para que o fruto de vocês permaneça. O que eu mando é*

isto: amem-se uns aos outros” (Jo 15, 16-17). Todo um programa de vida para iluminar e nutrir nossa caminhada.

Também inspiração na caminhada do CNLB com destaque ao Jubileu dos 50 anos com o tema “Profecia, Testemunho e Memória a serviço do Reino”, e o lema “Trabalhamos e lutamos porque depositamos nossa esperança no Deus vivo” (1Tm 4, 10) e no estandarte do jubileu com a celebração em três etapas, de 2023 a 2025.

2023 foi o ano da Profecia,

com destaque da 41ª Assembleia Geral Ordinária, celebrada em Recife. O tema: “Cristãos leigos e leigas: não deixemos morrer a profecia”. O lema foi inspirado por Dom Hélder Câmara, que o deixou como legado pouco antes de morrer: “Não deixem cair a profecia”. Continua presente como memória profética... Ele é também uma inspiração de como viver a profecia...

O Sínodo: uma referência fundamental

O Sínodo nos convoca nas luzes do Relatório de Síntese, UMA IGREJA SINODAL EM MISSÃO e no testemunho dos e das participantes.

“O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio”, afirmou o Papa Francisco em 17 de outubro de 2015, na comemoração dos 50 anos da instituição do Sínodo dos Bispos.

O Sínodo da sinodalidade tem a novidade da participação de representantes de todos os grupos de batizados, que são o Povo de Deus. Nos urge a construir uma Igreja em comunhão, participação

e missão. Um desafio necessário e urgente colocado pelo Papa para o momento atual. Assim foi vivido nos anos de preparação que culminaram na celebração da primeira sessão, em Roma, de 4 a 29 de outubro de 2023. Uma experiência significativa de vida que os participantes transmitem como “acontecimentos que, à escuta do Espírito e vividos em chave de iluminação e discernimento, nos fortaleceram na vocação-missão, enriqueceram nossa confiança e renovaram a esperança para sair com audácia a responder aos desafios do mundo”.

O Papa Francisco nos interpela

O Papa Francisco na mensagem para a Quaresma 2024 nos interpela e pede atenção ante “o grito de tantos irmãos e irmãs oprimidos que chega ao céu. Pergunte-mo-nos: “chega também a nós? Mexe conosco? Comove-nos? Há muitos fatores que nos afastam uns dos outros, negando a fraternidade que originariamente nos une... É tempo de agir e, na Quaresma, agir é também parar, parar em oração, para acolher a Palavra de Deus, e parar como o Samaritano em presença do irmão ferido. O amor de Deus e do próximo formam um único amor”. É preciso denunciar o déficit de esperança. Trata-se de um impedimento a sonhar... Convida a “repensar os estilos de vida”, “à conversão que fará surgir uma nova esperança.... Coragem da

conversão, da saída da escravidão. A fé e a caridade guiam pela mão esta esperança menina. Ensinam-na a caminhar e, ao mesmo tempo, ela puxa-as para a frente”.

São motivações e estímulos para viver a fé comprometida. Os sinais dos tempos, apesar de tantos anti-sinais, são luminosos, esperançadores. Tempo de esperar.

Os cristãos e cristãs somos os seguidores de Jesus Cristo. A fé cristã proclama que, em Jesus Cristo, Deus se fez carne – se fez um de nós. “O Verbo se fez carne e habitou entre nós” [Jo 1,14]. A encarnação, então, supõe uma história vivida. O mistério da encarnação é a marca decisiva da experiência cristã. Mistério vivido por gerações. Mistério que nos surpreende e convida à ação. A espiritualidade cristã ou é de encarnação ou não é espiritualidade cristã. Reafirmar que nossa espiritualidade é a espiritualidade de encarnação é situar-nos no coração do cristianismo e, possivelmente, realizar uma tarefa profética: a urgência de não nos esquecermos que o único lugar onde encontramos, seguimos, vivemos, nos abrimos ao projeto de Deus é nesta história e na humanidade assumida por Deus. O Espírito Santo, protagonista de toda espiritualidade, impulsiona, convoca, chama a transformar essa história concreta que nos toca viver.

A espiritualidade de encarnação é, então, a ousadia de agir em nossa história com a radicalidade

com que Deus mesmo age, não pelas nossas próprias forças, mas pela ação do Espírito presente em todo cristão e cristã que se dispõe a deixá-lo habitar em suas vidas.

E em que consiste agir na nossa história com a radicalidade com que Deus mesmo age? Para responder a esta pergunta, temos apenas o modelo da práxis histórica de Jesus, respondendo às condições sociais, econômicas, culturais, políticas e religiosas do seu tempo. “*Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em plenitude*” (Jo 10,10).

Jesus anunciou o Reino com sinais e com palavras. Suas obras e milagres fizeram Deus presente ali onde até mesmo a Lei sagrada os excluía: nos enfermos, nos pobres, nas viúvas, nas crianças. E suas palavras explicaram esses fatos: Deus é um Deus de amor e de misericórdia. Deus veio para salvar e não para condenar, Deus ama sem condições e sem reservas.

Neste sentido, o caminhar da Igreja latino-americana denunciou o grito de Deus diante da incoerência da práxis cristã: “vemos, à luz da fé, como um escândalo e uma contradição com o ser cristão, a brecha crescente entre ricos e pobres” (Puebla, nº 28). A partir daí, reafirmou o imperativo evangélico da “opção preferencial pelos pobres” (cf. Puebla nº 1134).

A vitalidade e atualidade da espiritualidade de encarnação depende de nossa capacidade de viver:

O testemunho profético exige a busca apaixonada e constante do rosto de Deus, a generosa e imprescindível comunhão fraterna e eclesial, a opção pelos pobres,

- Abertos ao Espírito.
- Em referência constante ao Jesus histórico, a seus sinais e palavras.
- Assumindo a história e cada ser humano como o lugar privilegiado onde Deus se revela.
- Comprometidos com a transformação da história.
- Privilegiando a opção pelos excluídos.
- Com um espírito de discernimento constante.

A urgência da profecia nos compromete

A dimensão profética é uma qualidade que pertence a toda a Igreja, a todo o povo de Deus. O profeta, na Bíblia e na tradição, aparece como alguém que sabe ler a ação de Deus na história humana, que sabe discernir, denunciar, orientar o futuro para o qual Deus tem uma palavra de vida e de felicidade. Mostra que o Reino de Deus está perto, entre nós, em nós, como uma presença discreta, mas real de uma nova aliança, de uma promessa de amor, de uma presença encarnada na história com rosto humano.

Profeta é quem sabe ler e interpretar à luz da Palavra, os sinais dos tempos, os movimentos da história, o Kairós. Percebe que daí pode brotar algo novo, a audácia,

a criatividade, a força mística do Espírito. Dimensão profética, que deve ser encarnada na vida, de maneira especial com o testemunho de coerência e fidelidade no seguimento de Cristo.

Como ser profeta em nosso mundo ante tantas encruzilhadas, que nos apresenta a realidade? É necessária a audácia profética para olhar o futuro como o tempo da novidade do Reino que está por vir. O serviço profético consiste em andar em Espírito, viver por Espírito, buscar o Reino de Deus, aspirar com todas as forças pelo futuro, sonhá-lo, construí-lo, viver em esperança.

Na dimensão profética há sempre uma exigência de criatividade que encontra a sua aspiração e o seu impulso *“Naquele que fez novas todas as coisas.”* (Ap 21,5)

O testemunho profético exige a busca apaixonada e constante do rosto de Deus, a generosa e imprescindível comunhão fraterna e eclesial, a opção pelos pobres, o exercício contínuo do discernimento e do amor apaixonado pela verdade, o compromisso com a justiça, os direitos humanos, a inclusão, a promoção das pessoas e comunidades, a acesso a todas as condições de uma vida digna.

Sempre desde uma fé encarna-

da e com abertura e escuta ao que o Espírito nos inspire como comunidade discernidora e profética. Para avançar necessitamos recordar-nos onde estão as autênticas raízes que sustentam os sonhos, nutrem os ideais e refrescam a seiva que dá sentido à vida. É tempo de criar novas propostas, porque a novidade evangélica está na utopia e no que está nascendo, na profecia e na sabedoria, na eficácia e na gratuidade, no pessoal e no comunitário. Como Povo a caminho necessitamos criatividade e audácia e atrever-se a atuar.

Uma das inquietações repetidas pelo Papa Francisco, vendo a realidade do mundo, é a proximidade e o compromisso com os pobres e marginalizados. São os destinatários do Reino, os preferidos de Deus. E recorda-nos a tentação da globalidade da indiferença, alheios ao sofrimento do outro.

Em referência à parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 25-37) afirma: “Esta parábola é um ícone iluminador, capaz de manifestar a opção fundamental que precisamos tomar para reconstruir este mundo que está esperando por nós. Diante de tanta dor, à vista de tantas feridas, a única via de saída é ser como o bom samaritano. Qualquer outra opção nos deixa ou

com os salteadores ou com os que passam ao largo, sem se compadecer com o sofrimento do ferido na estrada”. (FT, n. 67).

“Ser Igreja adoradora e Igreja do serviço, que lava os pés à humanidade ferida, acompanha o caminho dos mais frágeis, dos débeis e dos descartados, sai com ternura ao encontro dos mais pobres”. (Papa Francisco na Conclusão da Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos).

Esperançar em tempos difíceis

Viver em esperança. Ser portadores e profetas de esperança. Semear esperança em meio a tanto sofrimento e desconcerto dos ambientes em que vivemos e na sociedade global. Esperança na fé porque com Deus a vida sempre se renova e nos desafia.

O Papa Francisco diz na Encíclica Fratelli Tutti: “Convido à esperança que nos fala duma realidade que está enraizada no mais fundo do ser humano.... Fala-nos duma sede, duma aspiração, dum anseio de plenitude... A esperança é ousada, sabe olhar para além das comodidades pessoais, das pequenas seguranças e compensações que reduzem o horizonte, para se abrir aos grandes ideais que tornam a vida mais bela e digna. Caminhemos na esperança. [FT, 55]

Façamos nossa esta oração de Dom Pedro Casaldáliga:

**Deus de Amor que te dás sempre em comunhão criadora,
Deus da Vida partilhada frente aos processos de morte,
Deus da Palavra encarnada em Jesus de Nazaré,
a serviço da Verdade, na convivência da Paz,
pelas veredas da História...**

**Ensina-nos a escutar o silêncio e o clamor dos deserdados
da Terra.**

**Ensina-nos a falar a Boa Nova do Reino
bem no alto dos telhados e no coração do mundo.
Que sejamos testemunhas da invencível Esperança,
que consagremos a mídia ao serviço do Evangelho
em abertura ecumênica, em plenitude ecológica,
nos Povos de Nossa América,
em cultura solidária entre todas as culturas.
Amém, Axé, Awere, Aleluia.**

* **Maria Rosa Morala, cristã leiga, da Instituição Teresiana, membro da Comissão de Formação do CNLB de 2013-2016. mr-morala@gmail.com**

Para refletir:

Como ser profeta em nosso mundo ante tantas encruzilhadas, que nos apresenta a realidade?

Para aprofundar:

Barros, Marcelo. Profecia e Martírio na Caminhada. Centro de Estudos Bíblicos, 2022.

Francisco, Papa. Fratelli Tutti, 2020.

Revista Novamerica número 181, jan-mar 2024. Link de acesso:<http://www.novamerica.org.br/ong/wp-content/uploads/2024/02/0181.pdf>

ANEXOS:

1. Documento apresentado na 23ª Assembleia Geral da CNBB – Itaici (1985)

Documento

Leigos em Itaici

Representativo do momento de reflexão e ação vivido pelos integrantes do CNL, o documento que apresentou o tema "Leigos" na 23ª Assembleia Geral da CNBB (Itaici, 1985) é transcrito a seguir:

1. Desafios que a realidade hoje apresenta à Igreja

Após 20 anos de um regime que consolidou no Brasil um capitalismo autoritário, vivemos hoje a esperança de um futuro melhor. Para torná-la realidade, devemos superar os muitos obstáculos que hoje impedem que se viva conforme a dignidade própria de filhos de Deus. Dentre tais obstáculos, assinalamos aqueles que hoje são os principais desafios à missão evangelizadora da Igreja. Em primeiro lugar, os problemas situados no *mundo do trabalho urbano e rural*: a situação angustiante dos desempregados, dos subempregados, dos que só ganham até um salário-mínimo, e dos milhões de trabalhadores rurais sem terra. A nobre luta pela Justiça Social, onde se destacam a luta dos trabalhadores pelos seus direitos e a luta pela terra — no campo e na cidade — é indispensável para a Igreja ter credibilidade no anúncio do Reino.

Outro grande desafio está no *mundo político*: se todos saudamos a "nova república" como fim do regime autoritário, estamos bem conscientes que a convocação de uma Constituinte não basta para resolver nossos problemas de injustiça social. É preciso que o atual momento político seja ocasião para a consolidação de um poder realmente emanado das bases populares, para que a esperança da "nova república" não se transforme numa simples reforma legal. Desafio importante é também o que traz

o *mundo da cultura*, onde se assiste hoje a difusão massificante da cultura consumista eliminando o potencial criativo do nosso povo. Sem negar o valor das técnicas e das ciências, temos que conjugá-las com nossas raízes culturais mais autênticas, sem submissão a modelos culturais pré-fabricados. Assinalamos também o desafio presente no *mundo da família*, principalmente no caso das famílias pobres, às quais falta o apoio da sociedade para que tenham uma vida digna, e que ficam entregues à própria sorte — particularmente os menores e as mulheres. Enfim, lembramos a situação da *juventude*, sujeita a todos esses desafios e que deve encontrar meios próprios para enfrentá-los.

Todos esses desafios da realidade brasileira são hoje um apelo à Igreja para engajar-se de modo cada vez mais profundo e corajoso no grande movimento histórico de construção de uma nova sociedade justa e fraterna.

2. Como a Igreja está respondendo aos desafios: fatos notáveis

Frente aos grandes desafios, a Igreja vem buscando respostas, algumas das quais podem ser qualificadas de notáveis pelos seus efeitos especialmente benéficos quanto à nova forma de sua presença no mundo. São também notáveis por realizarem concretamente o projeto da Igreja definido pelo Concílio Vaticano II.

5

2.1. As Comunidades Eclesiais de Base — CEBs

As CEBs, nova forma de ser da Igreja, de ser Povo de Deus, multiplicam-se hoje no Brasil e em quase toda América Latina, recuperando a identidade das comunidades primitivas descritas nos Atos dos Apóstolos.

Nascidas entre os pobres e oprimidos, as CEBs e as Pastorais especializadas são hoje o mais eloqüente testemunho da Igreja que, compreendendo o sentido histórico da irrupção do Reino, vai comprometendo a todos na tarefa de edificá-lo desde aqui e agora através das conquistas parciais e imperfeitas que o antecipam. Esse espírito que anima as CEBs, mostrando a força dos fracos, as torna um dos mais notáveis fatos da vida da Igreja após o Concílio.

2.2. As Assembleias do Povo de Deus

As Assembleias Diocesanas e outras formas de participação conjunta de leigos e hierarquia nas decisões da Igreja, tornam hoje palpável a proposta de coresponsabilidade do Povo de Deus nos organismos decisórios que a iluminam e animam. Nessas Assembleias todos participam e se respeitam mutuamente, reconhecendo a dignidade que a todos confere o Batismo. Assim se realiza a proposta do Concílio, que define a Igreja não mais a partir da hierarquia mas como um povo igualmente comprometido na sua missão evangelizadora, no qual exercem diferentes ministérios igualmente dignos e necessários ao anúncio efetivo do Reino.

2.3. A Palavra de Deus na vida

A redescoberta da Bíblia no pós-Concílio veio marcada por sua estreita participação com os fatos da vida cotidiana, através da reflexão comunitária, como se dá nos Círculos Bíblicos e nos grupos

de reflexão. O texto bíblico vai sendo aprendido em confronto com os fatos vividos na comunidade, principalmente os fatos onde se revelam os desígnios de Deus para os pobres e pequenos que sofrem. Essa ligação entre a Bíblia e a vida é a fonte de fé, esperança e amor nas comunidades e é ela que anima a caminhada em busca do Reino.

2.4. O compromisso dos cristãos no mundo

A crescente integração entre fé e vida, fé e atuação transformadora, fé e compromisso político, torna hoje explícito o sentido último e decisivo de nossa ação no mundo: trata-se da antecipação do Reino, que não se esgota nas limitadas conquistas históricas mas passa necessariamente por elas. Se noutras eras também houve homens e mulheres, cristãos ou não, que de muitas maneiras lutaram pela libertação integral do homem, no passado era obscura a relação entre sua ação e as exigências da fé cristã. Hoje a vivência da fé cristã exige o compromisso de ação no mundo, o testemunho, o profetismo, e até a aceitação do martírio por fidelidade à missão. A compreensão cada vez mais difundida desta relação entre fé e compromisso na história é um dos fatos mais notáveis nesta Igreja de tantos mártires, em nosso país e no conjunto da América Latina.

3. Questões colocadas a partir da nossa prática

Esta caminhada da Igreja não se faz sem problemas. Enfrentando desafios novos e buscando novas formas de ação, encontramos pela frente lacunas e deficiências que nos atingem diretamente enquanto leigos. Não podemos agora recorrer a antigas fórmulas, por mais que valorizemos as experiências passadas, pois a fidelidade à Tradição e ao presente exige que encontremos maneiras novas de viver a mesma fé de sempre.

6

2. Carta aos Cristãos Leigos e Leigas (41ª AGO/2023)

3.1. Quanto à presença no mundo

Nas nossas práticas concretas vamos construindo nossa *identidade* como aquela porção do Povo de Deus que mais profundamente penetra a massa e ser fermentada pela presença da Igreja e o anúncio da sua mensagem, na convivência cotidiana com todos os homens e mulheres. Se a Hierarquia tem a função de animar e celebrar sacramentalmente a missão da Igreja, a nós leigos cabe tornar efetiva essa mesma missão em todos os ambientes, em todos os grupos humanos, em todas as estruturas que devem ser humanizadas. Mas nem sempre somos identificados como Igreja, nem reconhecidos como presença da Igreja no mundo. É preciso, portanto, encontrar novas formas de reconhecimento do leigo para que nossa presença no mundo seja por todos vista como presença da Igreja.

Nossa *espiritualidade* é hoje encarnada na história, na efetiva vivência do compromisso transformador do mundo como opção de fé. A fidelidade à missão vem dar um novo sentido à celebração sacramental, aos momentos fortes da expressão ritual, vinculando-os intimamente à nossa prática e à nossa vida. Nossa forma de seguir Jesus, ou espiritualidade, tem como marca a luta pela vida e vida em abundância. Precisamos ainda aprofundar essa espiritualidade para que nossa ação seja sempre impregnada pela fé que lhe dá seu sentido último e decisivo.

Os atuais desafios que enfrentamos exigem uma melhor formação para o laicato. Ela deve ser uma *formação na ação*, isto é, partindo da ação sempre avaliada, criticada e interpelada pelo Evangelho. É preciso que nossas práticas sejam corrigidas ou reformadas, à luz da Palavra de Deus, para que sejam realmente fecundas. Além disso, muitos leigos são

chamados a uma formação mais sistemática que lhes permita assumir tarefas especiais na Igreja, inclusive na área teológica. É bom que recebam uma formação conjunta com os clérigos, como já tem ocorrido.

3.2. Quanto ao lugar na Igreja

O leigo tem o dever e o direito de participar da vida da Igreja de forma efetiva. Por isso devemos *participar ativa e responsabilmente* das instâncias de decisão, de modo a assumir a missão da Igreja como nossa missão. As experiências de participação nas Assembléias do Povo de Deus, nos Conselhos e em outros organismos pastorais tem sido positiva e deve ser avaliada e incentivada.

O leigo é também desafiado a organizar-se autonomamente em estruturas eclesiais intermediárias: associações, movimentos, pastorais especializadas e outras formas de articulação que melhor nos prepare e apóie para o desempenho da nossa missão. A *organização do laicato* deve ser sempre intimamente articulada com a participação na *comunidade eclesial*, nos seus diversos níveis. Por isso esperamos ver incentivadas essas iniciativas, através das quais viveremos mais efetivamente a comunhão eclesial e aportaremos à Igreja nossa contribuição específica.

Conclusão

Colocamos aqui em comum nossa *visão*, nossa *visão*, nossos *problemas*. Agora perguntamos:

1. Em que medida nossa visão coincide com a visão dos nossos Pastores?
2. Quais as questões a serem aprofundadas?
3. Como fazer progredir este diálogo, aqui iniciado, em suas respectivas dioceses?

Conselho Nacional do Laicato do Brasil

CARTA AOS CRISTÃOS LEIGOS E LEIGAS DO BRASIL

*"É graça divina começar bem.
Graça maior persistir na caminhada certa.
Mas graça das graças é não desistir nunca". (Dom Helder Câmara)*

Nós, cristãos leigos e leigas representantes dos CNLBs Regionais e Organizações Filiadas, reunidos na 41ª Assembleia Geral Ordinária do Conselho Nacional do Laicato do Brasil - CNLB, entre os dias 08 a 11 de junho de 2023, no Centro Mariápolis Santa Maria, em Igarassu/PE, provocados pelo tema "Cristãos Leigos e Leigas, não deixemos morrer a Profecia", e iluminados pelo lema "Ele me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres" (Lc 4,18), nos dirigimos aos cristãos leigos e leigas, bem como a toda Igreja do Brasil.

Sensíveis às dores, lutas e esperanças do povo, aprofundamos a vocação à profecia do laicato, reafirmando nosso compromisso na construção de uma sociedade de justiça, fraternidade e paz. Em comunhão com o 3º Ano Vocacional da Igreja no Brasil refletimos e celebramos a vocação específica das cristãs leigas e leigos e iniciamos o itinerário jubilar dos 50 anos do CNLB.

Afirmamos que é preciso que o diálogo favoreça sempre e que as atitudes de qualquer cristão sejam realizadas de forma responsável e coerente, uma vez que Cristo nos confia a missão de sermos "sal da terra e luz do mundo" (Mt 5,13-14), especialmente junto aos que se encontram nas periferias geográficas e existenciais, conforme nos interpela o Papa Francisco.

Acolhidos pelo Regional Nordeste 2, na Arquidiocese de Olinda e Recife, fomos iluminados pela profecia do servo de Deus Dom Helder Câmara, que aponta as urgências na defesa da integridade da criação, dos direitos humanos e da incidência política. Pisando o chão sagrado da Sé do Santíssimo Salvador, que guarda o corpo de Dom Helder, em Olinda, fomos ainda mais interpelados a prosseguir, como profetas e profetisas.

A Assembleia transcorreu em um clima orante, celebrativo, místico e festivo, fecundada pela Celebração de Corpus Christi e dos Mártires da Caminhada. Fortalecidos/as e reanimados/as pela Palavra de Deus, partilhas e testemunhos, retornamos às nossas comunidades conscientes da nossa missão, com o leme em mãos, sempre prontos para aquecer o coração, levantar a voz e colocar os pés a caminho onde a vida estiver ameaçada.

Que Mariama, nossa companheira, caminhe conosco nos itinerários de Jesus, o Ressuscitado.

Igarassu (PE), 11 de junho de 2023.

3. Revistas anteriores

Ano I – nº 1 – junho de 2010 – Tema: “O mundo no coração da Igreja”: o olhar do leigo e da leiga que os impele à palavra

1. O protagonismo dos leigos – Hélio e Selma Amorim
2. Novo mundo, novos ministérios – Carlos Francisco Signorelli
3. Nossa América interpela a Igreja – Pedro Ribeiro de Oliveira
4. Possível agenda para a Igreja nos próximos anos – Luiz Alberto Gomes de Souza
5. Desenvolvimento integral da pessoa humana num mundo globalizado – Maria Júlia P. C. Ferraz e Reuben L. Barros Ferraz
6. Desafios socioculturais à vida eclesial – João Décio Passos

Ano II - nº 2 – março de 2012 – Tema: Estudos programados pelo CNLB – simpósio sobre o Concílio Vaticano II (2205) e o Seminário Teológico Latino-A- mericano (2007)

1. Os desafios para a Igreja Latino-Americana no século XXI – Eva Aparecida Rezende de Moraes
2. A Constituição Dogmática “Lumen Gentium” e os leigos cristãos – D. Aloísio Lorscheider
3. “Igreja e Mistério” na Constituição Dogmática “Lumen Gentium” – Tânia Maria Cou-

- to Maia
4. Ecumenismo e Laicato – O Concílio Vaticano II: diálogo e abertura – Janira S. Miranda
5. A laicidade na Igreja Latino-Americana e Caribenha comprometida com a construção da justiça – Paulo Fernando C. de Mendonça
6. A Igreja: do Carisma à Instituição – Carlos Francisco Signorelli

Ano III - nº 3 - maio de 2013 – Tema: O leigo no Concílio Vaticano II – vocação e corres- ponsabilidade

1. O significado eclesial do Vaticano II – Lúcia Pedrosa Pádua
2. O leigo a partir do Concílio Vaticano II, ou o paradoxo do sujeito moderno no seio da Igreja – João Décio Passos
3. Gaudium es Spes: do anátema ao diálogo – Carlos Francisco Signorelli
4. Juntos formamos um só corpo – vocação e corresponsabilidade na Igreja – Eva Aparecida Rezende de Moraes
5. O Concílio Vaticano II e o laicato – vocação e corresponsabilidade na Igreja – Francisco Catão
6. América Latina e a Teologia da Libertação – Benedito Ferraro

Ano IV – nº 4 – maio de 2014 – Tema: Autonomia e Comunhão

1. Autonomia e Comunhão – Pe. Manfredo de Oliveira

2. Autonomia e corresponsabilidade – Marcia maria D. A. Signorelli
3. CNLB – Documento final da Conferência de Fortaleza – Comissão de Redação
4. Leigos e laicidade na Igreja e no Mundo – Andréa Tessarollo
5. A laicidade na Igreja – Comissão Nacional de Formação do CNLB 2004-2006
6. O cristão leigo e a paróquia – Laudelino Augusto dos Santos Azevedo
7. A autonomia do sujeito eclesial e a laicidade – Milton Pereira da Silva “Milton Mano”

Ano V – nº 5 – maio de 2015 – Tema: VI Encontro Nacional em tempos de Francisco

1. Leigas e Leigos, chamados a serem sujeitos eclesiais, construtores do Reino - Marilza J L Schuina
2. Algumas reflexões sobre o CNLB - Carlos Francisco Signorelli
3. Algumas questões sobre os ministérios na Igreja - Pe. Manoel Godoy
4. Leigo como sujeito eclesial: da Teologia do Laicato à Teologia do Povo de Deus - Josemar Azevedo
5. Terra, Pão e Moradia – Fórum das Pastorais Sociais - Regional Sul 1/CNBB
6. Encontro Mundial dos Movimentos Sociais com o Papa - Declaração Final

Ano V – nº 6 – outubro de 2015

– Tema: Comemorativa ao VI Encontro Nacional do Laicato

1. Memória do VI Encontro do CNLB - Marilza J. L. Schuina
2. Sujeito eclesial: autonomia e corresponsabilidade - João Décio Passos
3. UMA IGREJA A PARTIR DO POBRE - Cesar Kuzma
4. Cristianismo numa sociedade plural - A propósito do livro de Boaventura de Sousa Santos “*Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos!*” - Francisco de Aquino Júnior
5. Documentos aprovados no VI Encontro Nacional do Laicato do Brasil (Carta-Manifesto em defesa dos cristãos e cristãs perseguidos por causa da sua fé; Moção de apoio à criação da Congregação para os Leigos; Carta ao Papa Francisco; Carta do CNLB aos brasileiros e brasileiras contra a redução da maioria penal; Carta ao povo brasileiro frente ao momento em que vivemos.)

Ano VI – nº 7 – maio de 2016

– Tema: Tempos de Francisco, uma leitura do Decreto Apostolicam Actuositatem

1. Carta do Papa Francisco ao Cardeal Marc Ouellet – 19 de março de 2016.
2. Apostolicam Actuositatem: ação e organização do Laicato a partir do Vaticano II – Cesar Kuzma
3. O Apostolado dos Leigos e

Leigas à luz do Decreto “Apostolicam Actuositatem” – José Lima Santana

4. Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade: Documento 105 da CNBB – Laudelino Augusto dos Santos Azevedo.
5. O Laicato a partir do Concílio Vaticano II – Márcia Signorelli
6. Decreto Apostolicam Actuositatem – uma visão panorâmica – Klaus da Silva Raupp
7. Autonomia e Liberdade – D. Gilberto Pereira Lopes

Ano VI – nº 8 – outubro de 2016

– Tema: Fé e Política

1. Análise do momento histórico – Pedro A. Ribeiro de Oliveira
2. Um tempo de incerteza – Nehy Martini
3. Mensagem do X Encontro Continental das CEBs – Paraguai, setembro de 2016
4. Fé e Política – Laudelino Augusto dos S. Azevedo
5. O agir cristão no momento eleitoral – Carlos Francisco Signorelli
6. A história que se repete – Luiz Catapan

Ano VII – nº 9 – junho de 2017 –

Tema: Ano Nacional Mariano

1. Mensagem à Igreja Católica no Brasil – CNBB
2. Aparecida na curva do rio – Maria Cecília Domezzi
3. Eis aqui a serva do Senhor – do Templo à casa – Tea Frigério
4. O “sim” de Maria e o nosso

“sim” como cristãos leigos e leigas – Lúcia Pedrosa Pádua

5. A jovem de Nazaré – José Lima Santana
6. Las mujeres lideresas del movimiento de Jesús, el Cristo – Elza Tamez
7. Nossa Senhora Aparecida – Pe. Luiz Alexandre de Souza
8. Nossas patronas – a devoção a Nossa Senhora na América Latina
9. Anexo I – Encontro com o Episcopado Brasileiro/Discorso do santo padre – Rio de Janeiro, 27 de julho de 2013
10. Anexo II – Mensagem do CNLB sobre a Reforma da Previdência – 15 de março de 2017
11. Anexo III – Aos homens e mulheres de boa vontade – não à redução dos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras – 25 de outubro de 2016

Ano VIII – nº 10 – maio de 2018

– Tema: Ano Nacional do Laicato - “Cristãos leigos e leigas, sujeitos na ‘Igreja em saída’, a serviço do Reino”

1. Ano do Laicato: Igreja continua de portas fechadas – Entrevista com Cesar Kuzma
2. Ano Nacional do Laicato – Daniel Seidel
3. A Bíblia é o grande instrumento de libertação dos leigos – Entrevista com Francisco Orofino
4. O papel dos leigos e leigas cristãos em um período de crise da fé - *Entrevista com Christian*

Albini

5. Foi para sermos livres que Cristo nos libertou – Gal 5,1 - Luis Carlos Catapam
6. O grave momento histórico – Carlos Francisco Signorelli
7. Cristãos Leigos e Leigas: Sal da Terra e Luz do Mundo – Márcia M. D. A. Signorelli

Ano VIII – nº 11 – novembro de 2018 (circulação interna)

Ano IX – nº 12 – fevereiro de 2019 – Tema: VII Encontro Nacional do Laicato – Cristãos Leigos e leigas na Igreja e na Sociedade: um novo agir e um novo agir

1. Olhar sobre o momento histórico – “Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade: um novo olhar, um novo agir”
2. Religião, Igreja e Política
3. O fim das utopias de libertação?
4. Crise epocal ou mudança de época?
5. Crise no paradigma civilizacional burguês (ou modernidade)
6. Alguns sinais para um outro olhar
7. Brasil: Façamos antes que o povo faça!
8. O grave momento da Igreja
9. O nosso agir: a noção de sujeito como condição básica para o ser e o agir do cristão
10. Continuando: agir como sujeito na Igreja e na Sociedade

Ano IX – Edição Especial (nº 13) – junho de 2019 – Tema: Ano Nacional do Laicato

1. Conjuntura e Apocalipse: ver com coragem, julgar com compromisso e cultivar esperança em tempos de sombra! - Moema Miranda
2. O Ano do Laicato: divulgação da importância dos primeiros 1000 dias de vida como ação concreta de leigos e leigas - Maria das Graças Silva Gervásio
3. A Igreja sinodal do Regional Norte 1 na vivência do Ano do Laicato - Patrícia Cabral
4. O Ano do Laicato na Instituição Teresiana - Maria Rosa Morala
5. Caminhada do Regional Oeste 1 no Ano do Laicato - Moisés Batista dos Santos
6. Comissão Especial para o Ano Nacional do Laicato – Marilza Schuina
7. O legado e os desafios que este Ano Nacional do Laicato traz para a vida pastoral e social da Igreja - Marilza J L Schuina
8. Conselho Nacional do Laicato do Brasil: cristãos leigos e leigas comprometidos com a transformação e a serviço da vida – Presidência do CNLB
9. Laicato formado por uma Igreja viva, profética, alegre e dinâmica - João Victor/ASCOM Nordeste 2
10. Regional Nordeste 4 – uma atividade de destaque do Ano

do Laicato - Maria das Graças Ferreira

11. O Ano Nacional do Laicato – Regional Sul 1
12. Regional Leste 2- Ano Nacional do Laicato - Leci Nascimento
13. O Ano Nacional do Laicato no Ceará - Pedro Cadeira
14. Espiritualidade laical na formação de verdadeiros sujeitos eclesiais - Lúcia Pedrosa Pádua
15. Anexos:
 1. Manifesto do CNLB – XXXVIII AGO – Belo Horizonte, 03 de junho de 2018
 2. Manifesto: Resistência democrática, unidos pela justiça e pela paz
 3. I Congresso Continental de Leigos – Mensagem Final (Brasil, 04 de novembro de 2018)

Ano X – nº 14 – setembro de 2020 – Tema: Memória do VII Encontro Nacional do Laicato

Memória dos encontros anteriores

1. Fazendo memória: mística e espiritualidade marcam o VII Encontro - Marilza J. Lopes Schuina
2. Desafios à superação da minoridade do sacerdócio comum dos fiéis em tempos de Francisco e dos clamores da vida ameaçada: reconhecimento da diversidade para a comunhão - Luiz Augusto Passos
3. Eu vi, ouvi, desci - Roberto Malvezzi – Gogó

4. Oficinas temáticas:

4.1. Desafios da vocação laical - Laudelino Augusto dos Santos Azevedo

4.2. Educação e cultura - Maria Aurenir da Silva Paiva

4.3. Igualdade de gênero - Sônia Gomes de Oliveira

4.4. Direitos Humanos: planos, programas de proteção - Inácio José Werner

4.5. Política e políticas públicas - Luiz Henrique Ferfaglia Honório

4.6. Transformações no mundo do trabalho - Gilmar Soares Ferreira

4.7. Fluxos migratórios e políticas públicas - Marilza J L Schuina

4.8. Direito à terra: cuidar da casa comum - Marilza J L Schuina

4.9. Direito à cidade - Carlos Signorelli

4.10. Juventude laical - João Paulo Angeli

Anexos:

5. Diretrizes para a formação e atuação do laicato 2019-2023

6. Moção de apoio ao Papa Francisco

7. Moção de apoio em defesa dos direitos constitucionais dos povos indígenas no Brasil

8. Ata da XXXVIII Assembleia Geral Ordinária

**Ano XI - nº 15 – julho de 2021 -
Tema: 9ª Assembleia Nacional
dos Organismos do Povo de
Deus**

1. Assembleias Nacionais dos Organismos do Povo de Deus - Laudelino Augusto dos Santos Azevedo

2. Sinodalidade: a forma de ser de uma Igreja de comunhão e participação - Diácono Sérgio Douets

3. O Protagonismo dos Cristãos Leigos e Leigas - Lúcia Pedrosa de Pádua

4. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019 – 2023

5. Resumo geral das propostas relativas às ANOPDS e à sinodalidade na Igreja

5.1. Debate e definição da “regularidade das ANOPDS”

6. Liturgia e animação da 9ª ANOPD

6.1. Solenidade de Cristo Rei - Dia Nacional dos Cristãos Leigos e Leigas - Romaria Nacional do Laicato

7- Mensagem dos Presidentes

7.1. Do Conselho Nacional do Laicato do Brasil

7.2. Da Comissão Nacional dos Diáconos

7.3. Da Comissão Nacional dos Presbíteros

7.4. Da Conferência Nacional dos Institutos Seculares

7.5. Da Conferência dos Religiosos do Brasil

7.6. Da Conferência Nacional da CNBB

8- Anexos:

Convocação, mensagem, ata e lista de participantes da Assembleia

**Ano XII – nº 16 – julho de 2022-
Tema: Assembleia Eclesial da
América Latina y el Caribe**

1. Sinodalidade: desafios para o Conselho Nacional do laicato do Brasil – Márcio José de Oliveira

2. Assembleia Eclesial: um olhar, diferentes focos – Leci Conceição do Nascimento

3. A juventude na Assembleia Eclesial latino-Americana e Caribenha – João Paulo Angeli

4. Assembleia Eclesial na ótica das mulheres – Marlise Ritter

5. O clamor dos povos marginalizados, um agir pastoral – Alesandra Miranda

6. Assembleia Eclesial: um olhar desde a CEB – Pedro A. Ribeiro de Oliveira

7. A Assembleia Eclesial sob o olhar dos Carismas e Ministérios – Laudelino Augusto dos Santos Azevedo

8. Em busca da sinodalidade econômica – Eduardo Brasileiro

9. Implementar uma cultura eclesial marcadamente laical – Agenor Brighenti

10. “Igreja em saída para as periferias” – Francisco de Aquino Júnior

11. Assembleia Eclesial: um olhar profético que nos faz ver mais longe – Denilson Mariano da Silva

12. Experiência do CNLB no processo da Assembleia Eclesial – Sônia Gomes de Oliveira



CNLB

cnlb.org.br

E-mail: secretaria@cnlb.org.br



[@cnlb.nacional](https://www.facebook.com/cnlb.nacional)



[@cnlb.nacional](https://www.instagram.com/cnlb.nacional)



[@cnlb.nacional](https://www.youtube.com/cnlb.nacional)